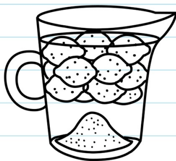
DIÁRIO de um Banana

BONS TEMPOS



Jeff Kinney





LEIA TAMBÉM

Diário de um Banana

Diário de um Banana: Rodrick é o cara

Diário de um Banana: A gota d'água

Diário de um Banana: Dias de cão

Diário de um Banana: A verdade nua e crua

Diário de um Banana: Casa dos horrores

Diário de um Banana: Segurando vela

Diário de um Banana: Maré de azar

Diário de um Banana: Caindo na estrada

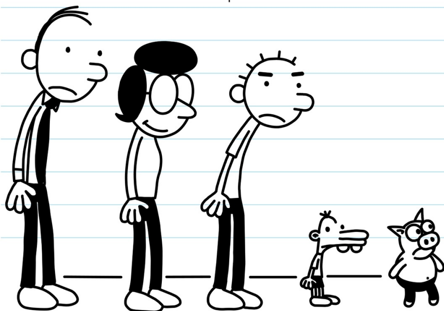
Diário de um Banana: Faça você mesmo

Diário de um Banana: O livro do filme

EM BREVE

Mais livros da série *Diário de um Banana.*

Não perca!



DIÁRIO de um Banana

BONS TEMPOS

Por Jeff Kinney

Tradução:
Alexandre Boide





Criação e design: Jeff Kinney
Capa: Chad W. Beckerman e Jeff Kinney
Edição: Fabrício Valério
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Revisão: Flavia Lago e Marcia Alves
Diagramação: Pamella Destefi

Publicado originalmente em inglês em 2015 por Harry N. Abrams, Incorporated, New York.
Título original em inglês: *Diary of a Wimpy Kid: Old School*
(Todos os direitos reservados em todos os países por Harry N. Abrams, Inc.)

vreditoras.com.br

Rua Cel. Lisboa, 989 — CEP 04020-041 — Vila Mariana — São Paulo — SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866 • editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-944-6

1ª edição, 2015

adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kinney, Jeff
Diário de um Banana [livro eletrônico] : Bons tempos / por Jeff Kinney ; [tradução Alexandre Boide]. -- São Paulo, SP : Vergara & Riba Editoras, 2015. -- (Diário de um Banana)

5 Mb ; ePUB

Título original: Diary of a Wimpy Kid : Old School.
ISBN 978-85-7683-944-6

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-08056 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[G]

PARA MEU PAI

Sábado

Os adultos vivem falando dos "bons tempos", e de como tudo era muito melhor quando ELES eram crianças.

Acho que eles têm é inveja, porque na MINHA geração existe um monte de coisas tecnológicas bacanas que na infância deles não tinha.

Mas, quando eu tiver filhos, com certeza vou falar o mesmo que os meus pais dizem HOJE.



A mamãe vive dizendo que, quando ELA era jovem, tudo era melhor, porque todo mundo se conhecia e a cidade era como uma grande família.

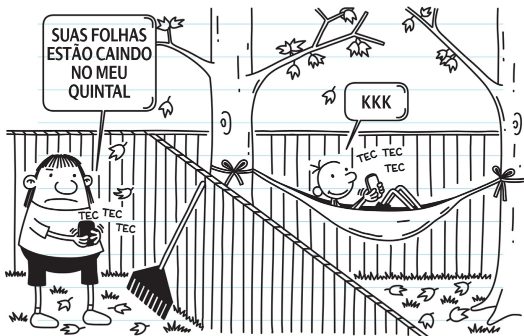
Pra MIM isso não parece muito melhor, não. Prefiro ter privacidade, e com certeza não ia querer todo mundo se metendo nos meus assuntos pessoais.



A mamãe diz que o problema da sociedade de hoje é as pessoas ficarem com o nariz enfiado numa tela o tempo todo, sem se preocuparem em conhecer quem está ao redor.

Eu discordo completamente da mamãe nessa questão.

Na minha opinião, um pouco de distanciamento é uma coisa BOA.



A mamãe anda circulando pela cidade com um abaixo--assinado sugerindo que as pessoas parem de usar os celulares e outros aparelhos eletrônicos por 48 horas.

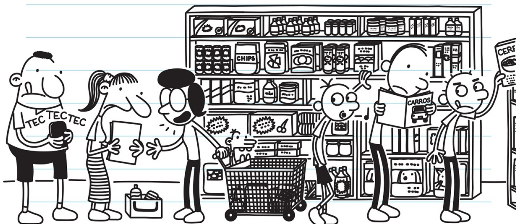
Vamos DESPLUGAR para RECONECTAR!

Os eletrônicos estão dominando nossa vida! Vamos deixar nossos dispositivos de lado por um fim de semana para nos conhecermos melhor! Quem topa?

1. ______	41. ______
2. ______	42. ______
3. ______	43. ______

Ela precisa de cem assinaturas para levar a petição à prefeitura, mas está difícil arrumar gente disposta a assinar.

Só espero que ela desista dessa ideia logo, porque é um pouco cansativo pra gente ficar fingindo que nem conhece a mamãe.



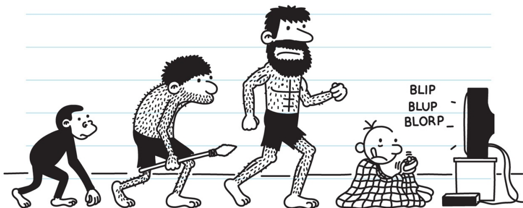
Sinceramente, não entendo por que ela acha necessário andar PRA TRÁS. Até onde eu sei, as coisas não eram lá muito divertidas no passado.

Pensa bem: a gente nunca vê ninguém SORRINDO naquelas fotos em preto e branco.



Antigamente, as pessoas eram bem mais DURONAS do que hoje em dia.

Mas os seres humanos EVOLUÍRAM, e agora precisamos de coisas como escovas de dentes elétricas, shoppings e sorvetes de casquinha pra sobreviver.



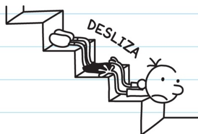
Aposto que nossos ancestrais ficariam decepcionados com o que nos tornamos. Mas, depois que inventaram o ar-condicionado, não tem mais volta.



Ficamos tão mimados que daqui a pouco nem vamos precisar sair de casa se não quisermos.



É, do jeito que as coisas vão, daqui a mil anos os seres humanos não vão mais ter COLUNA VERTEBRAL.



Algumas pessoas reclamam que toda essa tecnologia transformou a gente num bando de molengas. Mas, se quer saber, eu não acho isso RUIM.

Hoje em dia existe UM MONTE de coisas inúteis que fazem a gente viver melhor. Como os lencinhos umedecidos. As pessoas usaram papel higiênico comum por centenas de anos, mas aí algum gênio veio com uma ideia que virou o jogo.



O que me impressiona de verdade foi o TEMPO que levou pra humanidade ter essa ideia. Francamente, não acredito que o cara que inventou a lâmpada elétrica não tenha sido capaz de pensar numa coisa simples como lenços umedecidos.



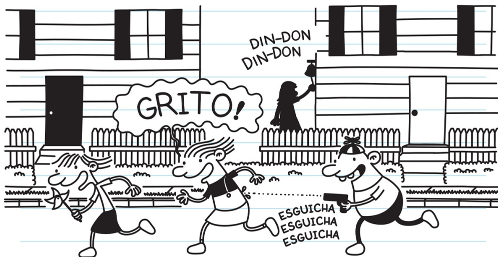
E quem sabe o TIPO de coisas malucas ainda vão inventar pra facilitar a nossa vida. Seja lá o que for, vou ser o primeiro a querer comprar.

Mas, se a mamãe quiser do jeito DELA, seremos obrigados a viver como as pessoas viviam antes de existirem computadores, celulares e lenços umedecidos.

E, de verdade, não consigo imaginar a vida em um mundo sem lencinhos umedecidos.

Domingo

O papai falou que, quando ELE era pequeno, as crianças passavam as férias brincando na rua e só precisavam entrar em casa na hora de jantar.

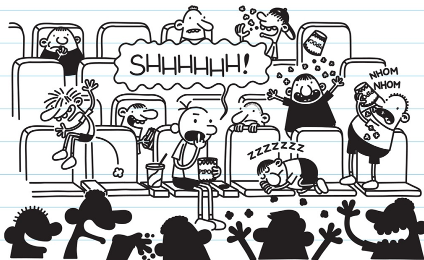


Bom, isso é basicamente o OPOSTO do que foram as MINHAS férias de verão.

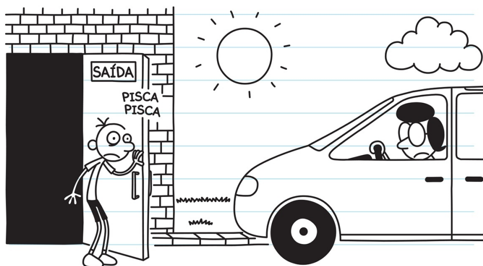
Passei julho e agosto na Maratona de Cinema, e tudo o que eu fiz foi ficar sentado numa sala de projeção com ar-condicionado oito horas por dia.

A principal razão pra eu me inscrever na Maratona de Cinema foi porque pensei que seria uma coisa só pra gente que leva filmes a SÉRIO, como EU.

Mas descobri que NA VERDADE era só um lugar onde os pais deixavam os filhos pra não precisar gastar com babá.



O lado ruim de passar tanto tempo no escuro era que, no fim do dia, os meus olhos demoravam meia hora pra se readaptar à luz do sol.

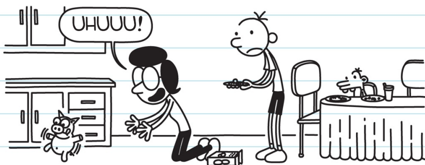


Me inscrevi na maratona também para sair um pouco de CASA. Desde que a gente arrumou um porco de estimação, ficar por aqui não tem sido fácil. Principalmente na hora do JANTAR.

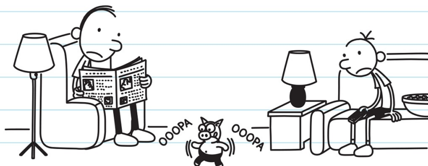


Pra deixar claro, eu acho uma PÉSSIMA ideia deixar o porco comer à mesa, porque ele JÁ PENSA que é humano. Agora só falta ele achar que está em pé de igualdade com o resto da família.

Assim que o porco chegou, a mamãe achou que ia ser divertido ensinar uns truques pra ele. Se ficasse em pé sobre as patas traseiras, por exemplo, o bicho ganhava um biscoito.



Daí o porco aprendeu a ANDAR e nunca mais voltou a ficar sobre as quatro patas. Pra PIORAR, meu irmãozinho Manny pôs um short dele no bicho e agora parece que a gente tem um personagem da Disney em casa.

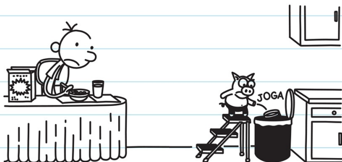


A mamãe costumava levar o porco pra passear na rua, mas desde que ele começou a andar sobre duas patas resolveu que não precisava mais da coleira.

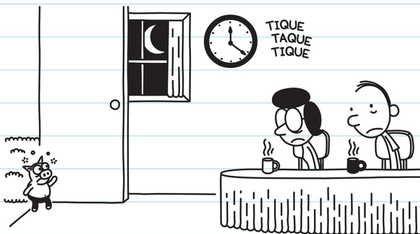


A mamãe ficou com medo de que ele fugisse e nunca mais voltasse, então arranjou uma coleira com chip rastreador e sistema GPS.

Mas, toda vez que a mamãe põe a coleira no porco, em cinco minutos ele ARRANCA. Como ele faz ISSO é um mistério, já que os porcos não têm POLEGARES.



Então agora o porco entra e sai quando quer, e VAI SABER onde passa a maior parte do tempo. E o pior: EU tenho hora pra chegar em casa, mas o porco, NÃO.



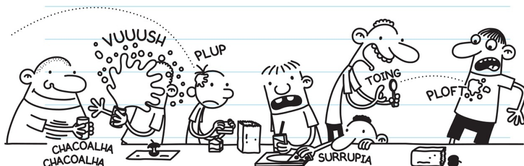
Acho que oferecer tanta mordomia pro porco foi uma PÉSSIMA ideia. Um dia os porcos vão dominar o mundo e a minha família será culpada pelo início do apocalipse.

Nem implicaria com o porco se ele não atrapalhasse a MINHA vida. Eu me atrasei pro primeiro dia de aula porque ele se enfiou no banheiro e não saía mais.



Com aquele porco em casa, eu estava ANSIOSO pra que as aulas começassem logo. Mas foi só chegar lá pra perceber que tudo continuava a mesma coisa de sempre.

E, sendo bem sincero, parece que eu estou no ensino fundamental há uma ETERNIDADE.



Eu precisava variar um pouco as coisas pra não pirar. Então, na primeira semana de aula, virei voluntário no programa Parceiros de Lição de Casa.

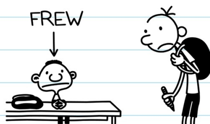


Mas, a principal razão para eu ser voluntário é poder faltar na terceira aula, que é a de música, com a sra. Graziano.

Pra você ter uma ideia, a sra. Graziano deu aula de música pro meu PAI quando ele tinha a MINHA idade. E pelo jeito, passar 30 anos ensinando a garotada a tocar instrumentos acaba AFETANDO a pessoa.



Na semana passada, conheci o meu Parceiro de Lição de Casa, um moleque chamado Frew. Não sei por que ele se inscreveu no programa. Ele é do tipo que lê revistas científicas e livros universitários por DIVERSÃO.



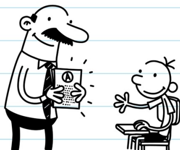
Quando a gente se encontrou pela primeira vez, Frew me mostrou a lição de casa dele. Basicamente, um desenho pra pintar e um caça-palavras. Frew avisou que não precisava de ajuda e pediu pra dar uma olhada na MINHA lição de casa.

Eu tinha PELO MENOS uma hora de problemas de matemática pra resolver e um trabalho de geografia que ia me tomar MAIS duas horas, mas Frew deu conta de tudo em 15 minutos.

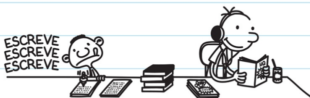


E, além de ser rápido, ele era BOM. Entreguei as tarefas no dia seguinte e, quando recebi a correção, não tinha nenhum erro.

No começo fiquei meio assim de receber ajuda de um menino do terceiro ano. Mas aí concluí que os Parceiros de Lição de Casa existem JUSTAMENTE pra ajudar uns aos outros.



Então, sempre que encontro o Frew, simplesmente entrego uma pilha de trabalhos e deixo ele à vontade. Até onde eu sei, assim todo mundo fica satisfeito.



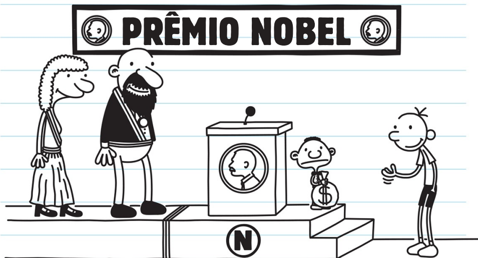
Minha única reclamação sobre o Frew é que, às vezes, ele EXAGERA. Ele ficou entediado com as minhas lições de casa, daí começou a inventar umas tarefas pra fazer como DESAFIO.

Um dia ele escreveu um artigo científico e JUNTOU com a minha lição, pra ver se vinham uns créditos extras. Por sorte, percebi antes de entregar.

Detecção de Permeabilidade Comutativa na Física

~~por Frew~~
Greg Heffley

Por um tempo, me senti bem em ter ajuda na lição de casa. Mas andei pensando ultimamente que, como fui eu quem "descobriu" o Frew, mereço algum tipo de reconhecimento quando ele começar a alçar voos mais altos.



Quarta-feira

Como se a casa já não estivesse LOTADA, agora o VOVÔ está morando com a gente.

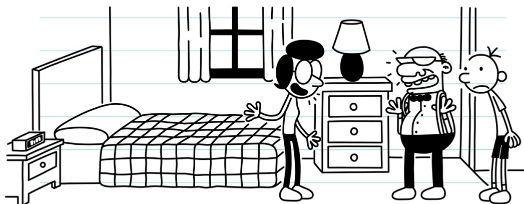
O aluguel subiu demais nas Torres do Descanso, o condomínio pra idosos, por isso ele não tinha como continuar lá. Então a mamãe convidou o vovô pra morar com a NOSSA família.

O papai não gostou da ideia, apesar de o vovô ser pai dele. Mas a mamãe falou que seria como antigamente: três gerações sob o mesmo teto.

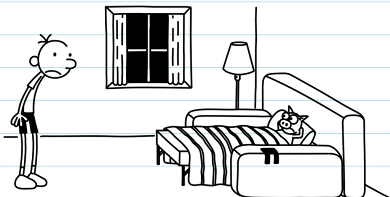
A mamãe tem uma imagem perfeitinha demais de como as coisas eram, porque a minha ideia da vida naquela época é COMPLETAMENTE outra.



Estava DE BOA com a ideia de o vovô vir morar aqui, até descobrir o que isso custaria pra MIM. A mamãe deixou o vovô escolher o quarto em que ia ficar, e lógico que ele escolheu o MEU.



Isso significava arrumar outro lugar pra dormir. Minha primeira ideia foi o quarto de hóspedes, mas esqueci que era lá onde o porco ficava. E de jeito NENHUM vou dividir o sofá-cama com um animal de fazenda.



Descartei o quarto do RODRICK logo de cara, porque dormir com ele seria PIOR ainda.

A última opção era dividir o quarto com o MANNY, então peguei o colchão inflável e coloquei no chão. Mas dormir no quarto do Manny TAMBÉM não é fácil.

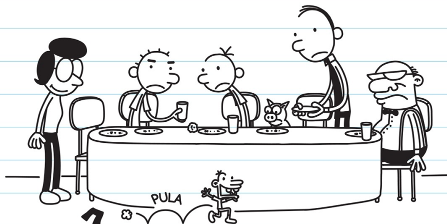
A mamãe lê pra ele todos os dias antes de dormir, e às vezes as histórias são bem LONGAS. Na verdade, desconfio que o Manny tem escolhido os livros mais grossos só pra me irritar.



As coisas andam meio tensas desde a chegada do vovô. Dá pra ver que ele não concorda com o jeito como a mamãe e o papai estão criando a gente, apesar de nunca DIZER nada.

A mamãe está tentando ensinar o Manny a usar o banheiro há uma ETERNIDADE. Agora ela resolveu testar uma técnica chamada "Sem Calças Depois do Jantar".

E é EXATAMENTE o que o nome sugere.



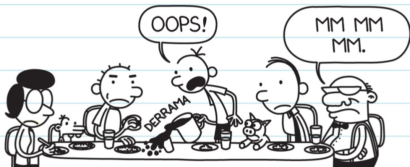
A IDEIA é que, quando vier a vontade de FAZER alguma coisa, o Manny corra direto pro banheiro.

Mas o Manny simplesmente fica zanzando pela casa sem nada da cintura pra baixo. E, quando não aguenta mais, se esconde atrás da poltrona da sala.



Acho que o papai não gosta muito desse negócio de "Sem Calças Depois do Jantar" e fica AINDA MAIS sem graça com a coisa toda tendo o vovô por perto.

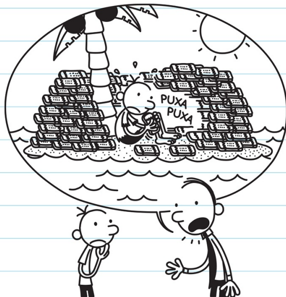
Está na cara que a presença do vovô estressa o papai. E, toda vez que algum de nós pisa na bola, ele fica AINDA MAIS tenso.



O que parece irritar MAIS o papai é quando um de nós pede pra mamãe fazer algo que deveria saber fazer SOZINHO.

Ontem pedi pra mamãe abrir um burrito de micro-ondas pra mim, porque sempre me atrapalho com embalagens plásticas.

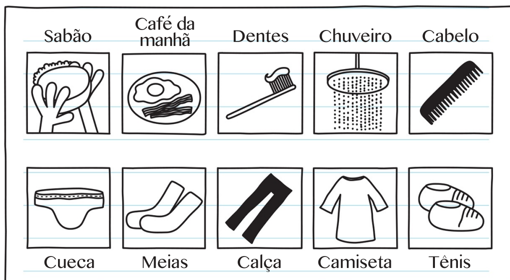
Mas o papai começou a falar um monte. Disse que, se eu acabasse numa ilha deserta com mil burritos de micro-ondas, morreria de FOME, porque não ia saber abrir a embalagem sozinho.



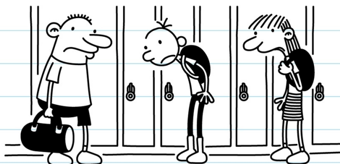
Respondi que as chances de eu acabar em uma ilha deserta com mil burritos de micro-ondas eram mínimas, mas o papai falou que não era essa a questão.

Ele disse que, se eu não aprender a fazer as coisas SOZINHO, nunca vou aprender a me virar no "mundo real".

Outra coisa que o papai não gosta é a mamãe ainda me ajudar a ficar pronto pra escola, toda manhã. Ela escolhe minhas roupas na noite anterior e deixa um cartaz na parede da cozinha pra me orientar.



Acho que o papai ficou com vergonha daquele cartaz, porque outro dia ele arrancou da parede. Só que, sem meu guia de arrumação, acabei me enrolando todo com a ordem das coisas e calcei as meias por cima do tênis.

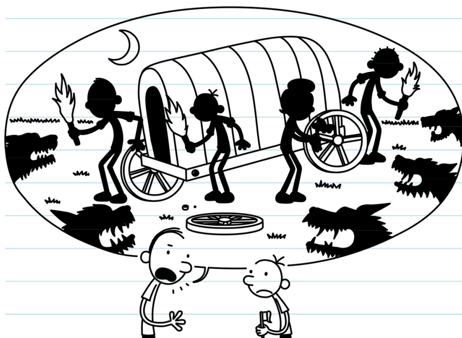


Esses dias, parece que o papai ficou ESPERANDO pra me pegar no flagra. Hoje de manhã, esqueci de tampar a pasta de dente, e o papai veio COM TUDO.

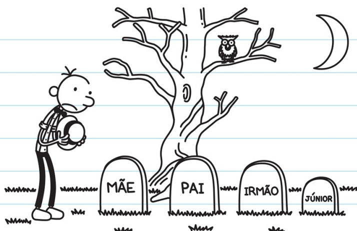


Pra mim não era nada de mais, mas o papai começou um longo discurso sobre "coisinhas à toa que têm graves consequências".

Ele falou que, se eu vivesse na época do Velho Oeste e fosse minha responsabilidade apertar os parafusos das rodas da carroça, mas ESQUECESSE de fazer isso, a roda ia cair e a família toda seria devorada por lobos.



Achei o papai dramático demais. Mas eu fiquei, SIM, me sentindo meio culpado por não tampar a pasta de dente.



Não sou o único que anda irritando o papai. O Rodrick vem dando nos nervos dele também.

Sempre que precisa pôr gasolina na van, o Rodrick pede dinheiro pra mamãe. Só que, umas noites atrás, ele cometeu o grande erro de fazer isso na frente do vovô.



O papai falou que dali em diante o Rodrick ia ter que abastecer a van com o PRÓPRIO dinheiro. Quando o Rodrick perguntou COMO, o papai falou que estava na hora de ele arrumar um EMPREGO.

Então a mamãe ajudou o Rodrick a procurar nos classificados um trabalho que não exigisse qualificação ou experiência.

Por fim, encontraram o anúncio de uma loja que ficava a uns 15 minutos de casa.

PRECISA-SE!

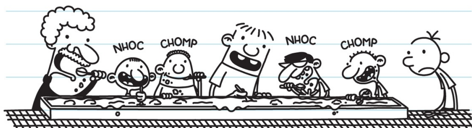
Procuramos pessoas motivadas para se juntar à equipe da

SORVETERIA À MODA ANTIGA

Velho Tobias

Eu fui à Sorveteria à Moda Antiga no ano passado comemorar o aniversário do Rowley, e essa experiência arruinou PRA SEMPRE o meu gosto por sorvete.

Eles têm uma sobremesa no cardápio chamada "Enche-pança", que vem com QUARENTA bolas de sorvete em uma bandeja enorme. E, quando se escolhe todos os sabores possíveis, a coisa toda vira uma gororoba cinzenta.

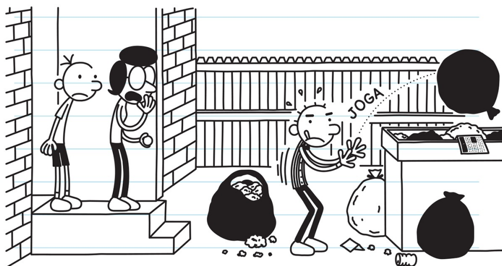


A Sorveteria à Moda Antiga é um daqueles lugares onde todos os funcionários cantam com a gente na hora do parabéns. Esse tipo de coisa me deixa bem sem graça, porque está na cara que eles preferiam estar fazendo QUALQUER outra coisa.

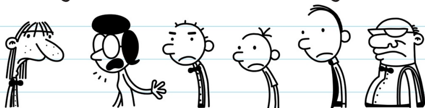


O Rodrick fez a entrevista na mesma semana e, acredite se quiser: ele conseguiu o emprego. Sábado à noite foi o primeiro turno de trabalho dele, e a mamãe achou que seria uma boa ideia aparecer de surpresa pra dar um incentivo.

Quando a gente chegou lá, ele não estava em lugar nenhum. A mamãe ficou bem preocupada, mas no fim encontramos o Rodrick nos fundos da loja.



A mamãe não ficou feliz de ver que o Rodrick era o encarregado do lixo e foi falar com o gerente.



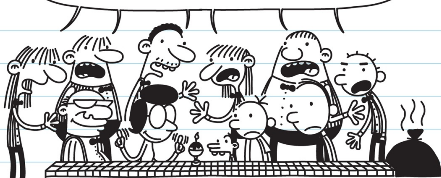
Mas o gerente explicou que o Rodrick precisava "começar de baixo" e que todos que iam trabalhar lá passavam por isso.

Com certeza o Rodrick achou que a gente fosse embora depois daquilo, mas a mamãe queria marcar presença de qualquer jeito. Quando o Rodrick tirou seu intervalo de 15 minutos, a gente ficou com ele lá na salinha dos funcionários.



O Rodrick passou o resto da noite tirando o lixo da cozinha e levando pra lixeira. Acho que a mamãe queria continuar de olho nele mais um pouco. Então, ela falou pro garçom que era aniversário do Manny e ele chamou todos os funcionários pra nossa mesa.

Seria melhor se a mamãe não tivesse feito isso, porque se tem uma coisa que estraga o apetite de qualquer um é o cheiro do chorume.



Segunda-feira

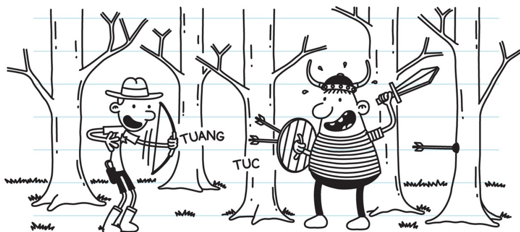
Ultimamente, a mamãe tem incentivado o vovô a contar pra gente como eram as coisas quando ELE era criança.

Segundo o vovô, quando ele era pequeno não existia televisão nem nada do tipo, por isso as crianças passavam a maior parte do tempo ao ar livre, se divertindo com brincadeiras como a de chutar lata.

Os adultos VIVEM dizendo que a brincadeira de chutar lata era o máximo. Uma vez, eu e o Rowley experimentamos pra ver qual era a graça, mas desistimos depois de uns 30 segundos.



O papai contou que, quando era criança, passava o dia brincando ao ar livre com seu amigo Giles, usando somente a imaginação.



Bom, eu e o Rowley até tentamos usar a NOSSA imaginação, mas o pai dele acabou com a brincadeira logo de cara.



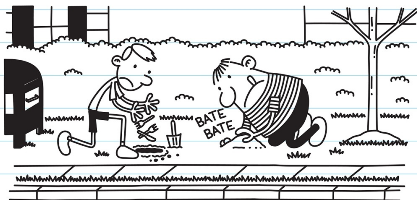
O papai falou que hoje em dia as crianças são superprotegidas. Disse que, quando era pequeno, ele e Giles andavam pra cima e pra baixo o tempo todo. Não precisavam nem avisar pros pais onde estavam indo.

Mas a mamãe disse que antigamente era muito mais SEGURO, e que hoje em dia é perigoso demais sair sem um adulto por perto. O papai respondeu que até podia ser verdade, mas que garotos como o Rowley e eu já deveriam saber como se virar SOZINHOS.

O papai contou que, na minha idade, ele e o Giles enterravam coisas pela cidade toda. Assim, se alguém arrumasse encrenca, eles tinham como revidar.



Já o vovô contou uma versão diferente dessa história. Ele falou que o papai e o Giles ATACARAM a gaveta de talheres da cozinha e foi ISSO que saíram escondendo pelo bairro.



Quando a vovó percebeu que os garfos e as facas estavam desaparecendo, obrigou os dois a desenterrar tudo e DEVOLVER.

Depois disso, o papai e o Giles arrumaram uns talheres de PLÁSTICO. Daí começaram a discutir se um garfinho daqueles podia ou não ser usado para autodefesa e a coisa ficou feia.



Giles contou pra mãe dele o que o papai fez e mostrou as marcas do garfinho de plástico como prova. Acho que as coisas eram mesmo diferentes antigamente, porque a mãe do Giles agarrou o papai no colo e BATEU nele.



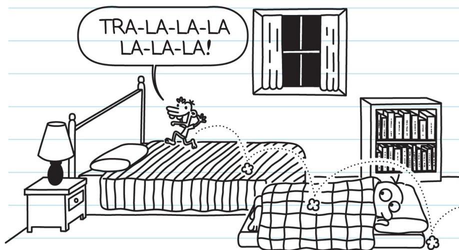
Esse é o problema de ser tão saudosista. A pessoa só se lembra das coisas BOAS, mas acaba se esquecendo de quando levou uma surra da mãe de seu melhor amigo.

Quarta-feira

Pensei que o vovô fosse ficar com a gente só um tempinho, até encontrar um lugar mais barato que as Torres do Descanso. Mas agora estou começando a ficar com medo de que a mudança seja PERMANENTE.

E isso não é nada bom. Eu não sei se é humanamente possível dividir o quarto com o Manny por mais tempo.

Pra começar, não é nada digno dividir o quarto com alguém que não usa calça depois do jantar.



Mas o vovô também não é mole. Quando saiu das Torres do Descanso, a namorada dele, Darlene, terminou o relacionamento. E, ultimamente, ele está na fossa. Anda pela casa só de cueca e roupão, então, sem chance de trazer meus amigos aqui.



Pensei o seguinte: quanto antes ele voltar a namorar, mais cedo vai sair de casa. Daí ensinei o vovô a conhecer pretendentes pela internet, pra ajudar a acabar logo com aquela fossa.

Só que acabei criando um MONSTRO. Agora o vovô fica 24 horas por dia no computador e tem PELO MENOS uns cinquenta relacionamentos rolando ao mesmo tempo.

Não tenho ideia de como ele sabe o que fala com cada uma de suas "amigas".



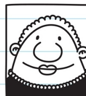
Belinda
mandou uma piscadinha



Bethany
gostaria de te conhecer



Martha
curtiu a foto do seu perfil



Tiffany
te deu uma cutucada



Sylvie
curtiu sua publicação

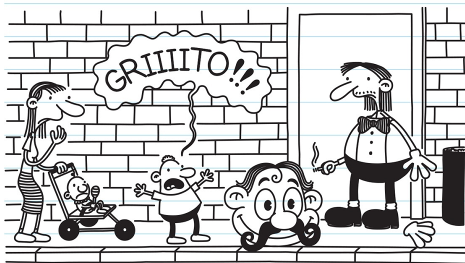


Marjorie
te achou simpático

As coisas também estão começando a mudar pro Rodrick. Ele contou pra mamãe que foi promovido, então hoje à noite todo mundo vai se espremer no carro pra ir até a sorveteria dar um apoio moral.

Só não sei se dá pra chamar a mudança de função do Rodrick de PROMOÇÃO. Ele agora se veste de Velho Tobias, o mascote da sorveteria.

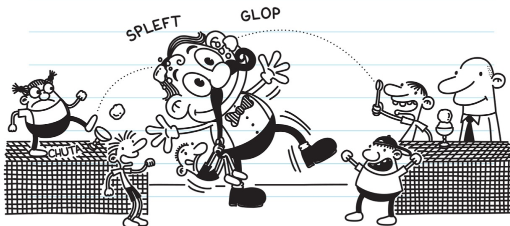
Parece que o Velho Tobias anterior foi DEMITIDO depois de ter sido visto sem a cabeça. Acho que, no mundo dos mascotes, essa é uma das piores coisas que pode acontecer.



A função do Velho Tobias é andar pela sorveteria e passar de mesa em mesa alegrando a criançada. Mas, pelo que notei, o efeito é justamente o CONTRÁRIO.

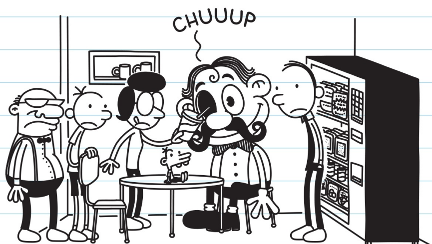


Na verdade, as crianças parecem DETESTAR o Velho Tobias. Quando a gente chegou lá, o Rodrick estava levando boladas de tudo quanto era lado.



O Rodrick falou pra mamãe que o gerente avisou que, se ele fosse pego sem a cabeça do Velho Tobias, seria demitido na hora.

Por sorte, um dos olhos da fantasia era removível. Assim o Rodrick podia se manter hidratado.



Estou começando a me perguntar se o cara que se vestia de Velho Tobias não quis ser despedido DE PROPÓSITO.

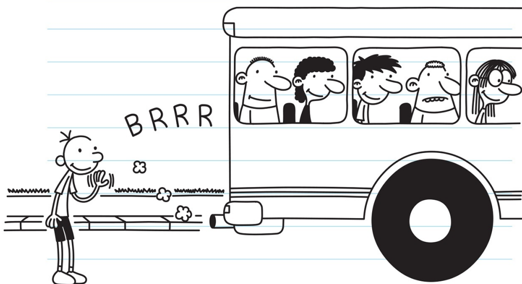
Se eu fosse apostar quanto tempo o Rodrick duraria naquilo, ia dizer duas semanas no máximo.

Sexta-feira

Na escola não se fala em outra coisa além da excursão pra Fazenda Mãos à Obra que vai ter no mês que vem.

No ano em que estou na escola, todos os alunos passam uma semana por lá pra dormir em chalés de madeira e aprender sobre a natureza e o trabalho duro do campo.

Com certeza é uma viagem ótima pra quem gosta desse tipo de coisa, mas eu já decidi que vou ser o único aluno a FICAR aqui quando o ônibus sair.

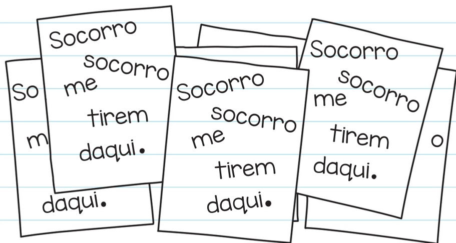


E, enquanto o RESTO dos alunos estiver suando no meio do mato, vou estar na biblioteca da escola desfrutando do conforto do mundo moderno.

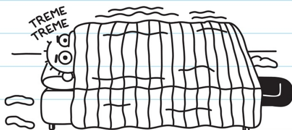


A mamãe está tentando me fazer mudar de ideia, porque acha que vou me arrepender se não for.

Duvido que isso aconteça. Já ouvi umas histórias horrorosas de pessoas que foram pra Fazenda Mãos à Obra. Além disso, lembro bem das cartas do Rodrick quando estava LÁ.



O Rodrick ficou um pouco traumatizado com a experiência. Quando voltou da viagem, se enfiou na cama e não saiu mais durante todo o fim de semana.

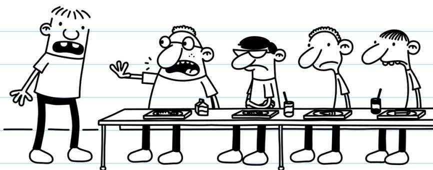


Hoje era o último dia pra escolher com quem as pessoas queriam dividir o quarto, e no almoço estava todo mundo negociando pra conseguir um bom chalé. Fiquei satisfeito por ter decido não ir, pois não estava mesmo a fim de encarar todo aquele drama.



Fiquei meio mal por causa do Rowley, já que ele estava contando em dividir um beliche COMIGO. Quando contei que não ia, ele saiu procurando alguém que ainda tivesse uma vaga no chalé.

Mas, já no fim do recreio, as coisas não estavam muito boas pro lado dele.



Eu não posso ficar me preocupando com o Rowley. Tenho os meus PRÓPRIOS problemas pra resolver.

Na segunda-feira, a mamãe e o papai receberam uma carta da escola convocando os dois para uma reunião extraordinária.

Passei a semana inteirinha morrendo de medo. Pensei ter esquecido de riscar o nome do Frew de algum trabalho da escola, daí estaria encrencado.

Mas era ainda PIOR.

A escola chamou a mamãe e o papai pra contar que as notas das minhas lições de casa tinham melhorado tanto que iam me colocar em uma turma avançada.



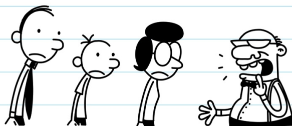
Bom, tenho certeza de que o Frew vai curtir fazer uns trabalhos mais desafiadores, só que ele não vai estar lá pra me ajudar nas PROVAS. Então, a não ser que eu dê um jeito de enfiar o Frew dentro da sala comigo, nunca vou passar de ano.



Quando a mamãe e o papai chegaram em casa, ela falou que a gente precisava comemorar a "boa notícia".

Obviamente, isso significava ir DE NOVO até a Sorveteria à Moda Antiga.

Eu já estava cansado de passar quase todas as noites no lugar onde o Rodrick trabalhava. E acho que o vovô também. Ele disse pra mamãe que o sorvete fazia suas gengivas doerem e que ia ficar em casa dessa vez.

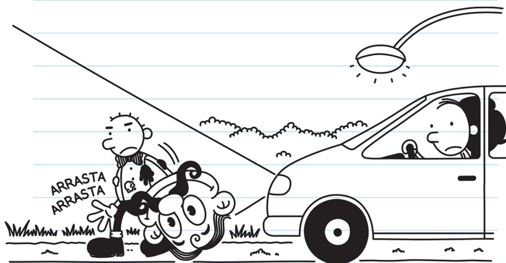


Tentei usar a mesma desculpa, mas a mamãe estava determinada naquela comemoração.

Só que, quando chegamos lá, não encontramos o Rodrick em lugar nenhum. O gerente contou pra mamãe que ele nem tinha aparecido pra trabalhar.



Isso fez a mamãe entrar em PÂNICO. Voltamos pro carro para procurá-lo. Circulamos por toda parte e, finalmente, encontramos o Rodrick caminhando pelo acostamento da via expressa.

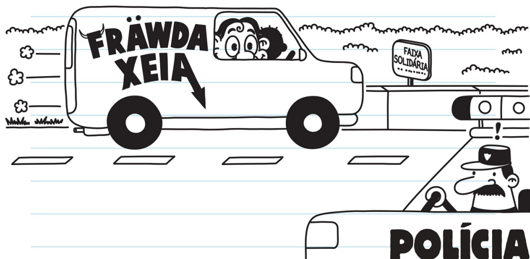


Quando paramos, o Rodrick entrou e explicou tudo. Ele contou que a via expressa estava congestionada e, com isso, ia se atrasar pro trabalho. Então ele passou pra faixa solidária, que estava andando bem mais RÁPIDO.

Mas para usar a faixa solidária é preciso ter pelo menos DUAS pessoas dentro do veículo.

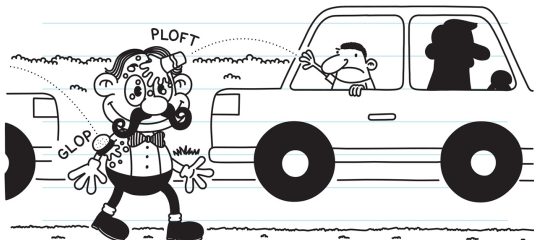
Então, o Rodrick colocou o Velho Tobias sentado no banco do passageiro.

Mas ele deu azar e um policial com olhos de lince mandou a van encostar.



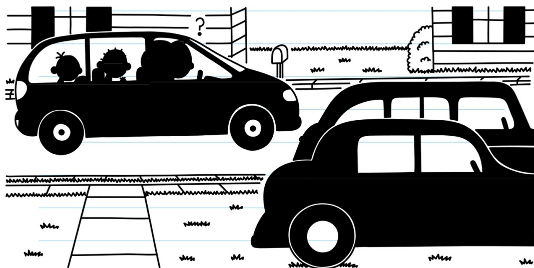
O policial não achou a menor graça e o Rodrick levou uma multa de cem pratas. O policial ainda achou um monte de coisa errada na van, como uma lanterna quebrada e a inspeção veicular vencida.

Depois disso, o policial mandou guinchar a van, e o Rodrick ficou a pé no meio da via expressa. Isso o transformou num alvo GIGANTE pras crianças que estavam presas no congestionamento.



A mamãe pediu pro papai levar a gente pra casa, pra ela pôr a fantasia do Rodrick na máquina de lavar. Mas, quando entramos na nossa rua, tinha carros estacionados dos dois lados.

Havia carros parados até no nosso JARDIM, o que era bem estranho.

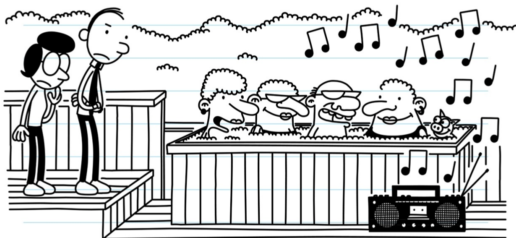


O papai teve que parar o carro bem no fim da ladeira e subimos a pé até em casa. Quando finalmente chegamos, dava pra ouvir um baita som saindo da casa.

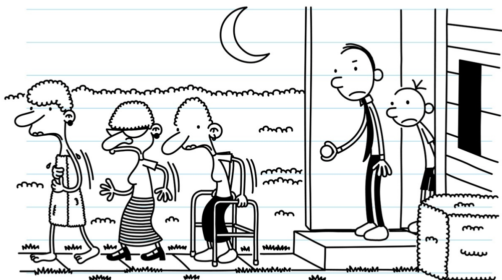
Abrimos a porta e demos de cara com uma festa BOMBANDO.



Nos infiltramos pela multidão até encontrar o vovô. Ele estava lá nos fundos, DE BOA na banheira de hidromassagem. Pelo que deu pra ver, estava curtindo como se não houvesse amanhã.

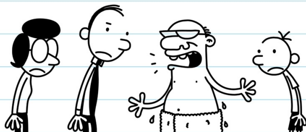


O papai expulsou todo mundo de casa, o que demorou UM TEMPÃO, já que aquele pessoal não tinha a menor pressa de ir embora.



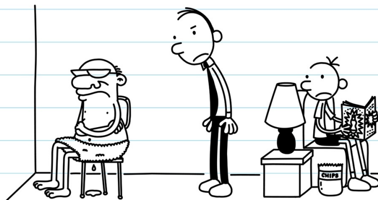
Quando a casa ficou vazia, o papai caiu matando em cima do vovô por ter feito uma balada.

O vovô argumentou que não foi uma coisa PLANEJADA. Disse que ia chamar UMA das mulheres que conheceu pelo site de relacionamentos pra ver um filme, mas clicou sem querer em "enviar para todos os contatos". Daí todo mundo resolveu aparecer ao mesmo tempo.

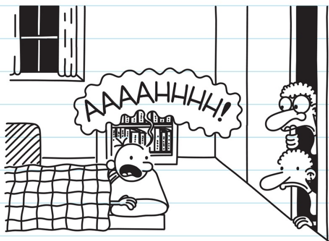


O papai ficou muito bravo, mas pelo jeito era difícil pensar num castigo para o próprio pai.

O jeito foi colocar o vovô no cantinho da disciplina.



Mas a gente bem que podia ter sido mais eficiente ao expulsar as pessoas da festa. Ainda tinha umas perdidas no quarto do Manny que só deram as caras depois de garantir que a barra estava limpa.



Terça-feira

Desde o dia da festa, o papai não quer mais saber de deixar o vovô sozinho em casa. E, como o PAPAI não pode ficar em casa o tempo todo, mandou A GENTE ficar de olho nele.

Como castigo, o vovô precisa ficar uma hora por dia no cantinho da disciplina, mas ele prefere fazer isso na frente da televisão, em vez de no canto da sala.

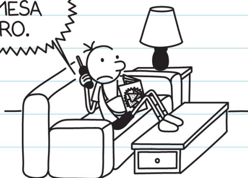
Então quem estiver encarregado de vigiar o vovô precisa ver o que ELE quiser na TV.



Mas, na hora da escola, o vovô fica SOZINHO em casa e acho que o papai tem medo de que ele dê outra festa.

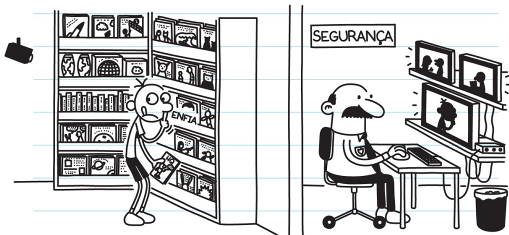
Por isso, ele comprou uma câmera de vigilância pra ter certeza de que não está acontecendo nada estranho enquanto ele está no trabalho.

Só não sei exatamente ONDE o papai instalou a câmera. O que eu SEI é que não é só no vovô que ele está de olho.



Sou completamente a favor da tecnologia, mas não quando ela é usada CONTRA mim. Não curto a ideia de ter uma câmera dentro de casa, porque elas já estão por toda parte.

Então, se você fizer alguma coisa meio vergonhosa em público, pode ter certeza: vai ficar gravada.



Mas o pior são as câmeras nos celulares. Hoje em dia TODO MUNDO tem uma.

Nas férias do ano passado, quando eu estava saindo da piscina, meu calção deu uma escorregada e todo mundo viu.



E, antes mesmo de eu me secar, as fotos já tinham bombado na internet.

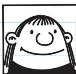


Carla



Minha vista na piscina hoje!

 24 curtidas



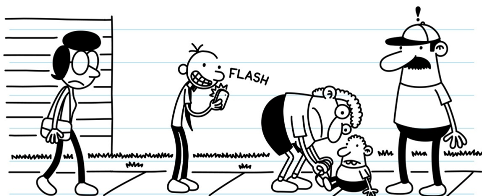
Nancy



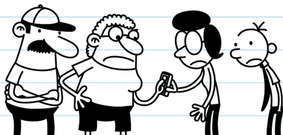
Pra economizar, que tal um "cofrinho"?!

Hoje em dia, a pessoa pode se encrencar até tirando uma foto de SI MESMA. Alguns meses atrás, quando almoçamos depois de ir à igreja, senti que tinha espinafre grudado no meu dente ao sair do restaurante.

Não tinha nenhum espelho por perto, daí peguei o celular da mamãe e tirei uma foto, só pra ter certeza.



Só que uma mulher estava na minha frente e pensou que eu tivesse tirado uma foto DELA, e só sossegou quando VASCULHOU o celular da mamãe pra se convencer do contrário.



Pensando bem, talvez esse acontecimento tenha despertado na mamãe a ideia de dar um tempo dos eletrônicos, pra começo de conversa.

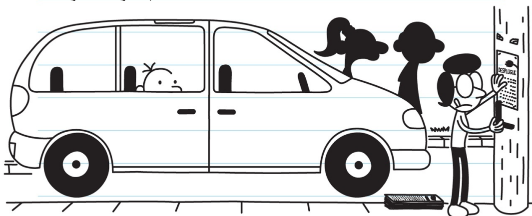
Por falar nisso, ela conseguiu as assinaturas necessárias pra levar a petição à prefeitura.

A ESTRATÉGIA da mamãe foi abordar as pessoas no momento em que saíam da festa do vovô naquela noite.



Quando a mamãe levou o abaixo-assinado pra prefeitura, o pessoal de lá fez uma votação e oficializou a ideia. Então a cidade toda vai se desplugar voluntariamente no fim de semana.

A mamãe se encarregou de espalhar a notícia pro máximo de gente possível. Estou tentando ficar na minha até a coisa toda acabar, mas não está sendo nada fácil.



Acho que se isolar do mundo não é uma boa ideia. Se acontecer um apocalipse zumbi ou algo do tipo, seremos os ÚLTIMOS a saber.

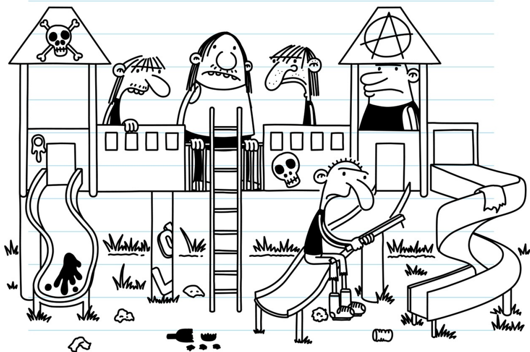


Sexta-feira

Como parte da programação do fim de semana sem eletrônicos, todo mundo foi convocado para um mutirão de limpeza no parque da cidade.

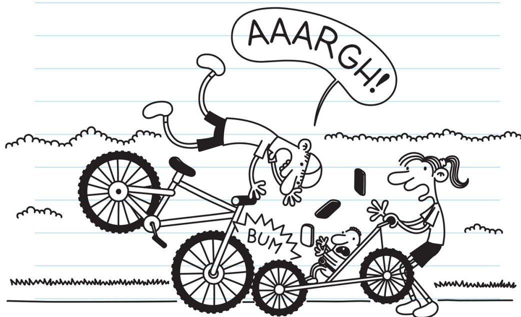
Só que vai demorar muito mais que uma tarde pra arrumar AQUELA bagunça.

Ultimamente, o parque parece mais o cenário de um filme de guerra.



O parque era um lugar LEGAL, mas a coisa foi ladeira abaixo quando a prefeitura ficou sem verbas.

O principal motivo foi que aprovaram a construção de uma via "para uso de celular" no parque, já que na maior parte do tempo as pessoas que iam pelo caminho NORMAL não prestavam a menor atenção por onde andavam.



Assim, todo o dinheiro da manutenção foi destinado para a construção do trajeto pra quem quisesse usar aparelhos eletrônicos durante o passeio.

Mas o projeto ficou caro demais e foi cancelado antes de completarem a ponte sobre o riacho.

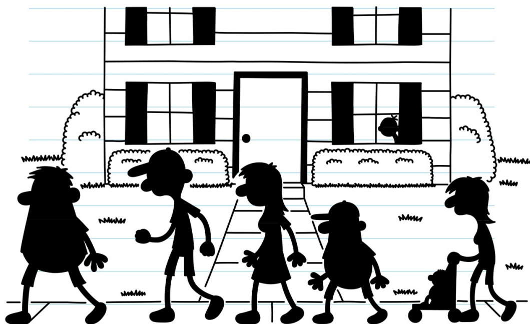


O parque ficou abandonado depois disso. As famílias desapareceram do lugar e os adolescentes tomaram conta. Então, se as pessoas do mutirão forem espertas, a primeira providência será encontrar um especialista em controle de infestações de adolescentes.

Sábado

Nem sei que horas acordei de manhã, já que o relógio do criado-mudo do Manny estava fora da tomada. Na verdade, TODOS os aparelhos da casa estavam desligados, mostrando que a mamãe estava levando a sério o fim de semana sem eletrônicos.

Reparei também que tinha UM MONTE de gente caminhando pelo bairro. Pelo jeito, todo mundo tinha decidido abraçar o tal "espírito dos velhos tempos".



Minha ideia era simplesmente relaxar e ficar lendo gibis no sofá o dia inteiro, mas o papai falou que eu deveria aproveitar aquele "fluxo de gente".

O papai contou que, quando ELE era criança, montou uma banquinha de limonada com o Giles. Os dois ganharam o suficiente pra comprar um skate novinho pra cada um. Concluí que uma banquinha de limonada era uma ÓTIMA ideia.

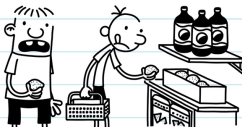
Daí o papai me surpreendeu e me deu 20 pratas como "capital inicial" pra pôr a coisa de pé.



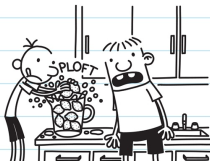
Eu sabia que ia precisar de um sócio, então liguei pro Rowley e pedi pra ele dar um pulo em casa.

Achei que a gente poderia pelo menos procurar a receita da limonada na internet, mas a mamãe tinha escondido o cabo do computador. Tive um pouco de vergonha de perguntar pro papai, então a gente resolveu se virar.

Eu tinha certeza de que a gente ia precisar de limões, então pedalamos até o mercadinho pra comprar o estoque inteiro deles.



Chegando em casa, a gente não sabia direito a quantidade que devia colocar na jarra, daí optamos pelo máximo possível, só pra garantir.



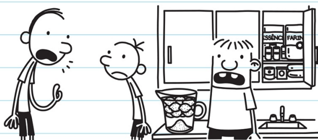
Eu tinha quase certeza de que o único outro ingrediente para uma boa limonada, além de água, era AÇÚCAR. Mas a gente não sabia o QUANTO pôr, então foi tudo meio de olho.



Depois de colocar o açúcar, achei que estava tudo pronto. Daí o papai apareceu e falou que estava tudo errado.

Ele disse que, pra começo de conversa, as frutas que compramos eram LIMAS, então a gente precisava se livrar delas.

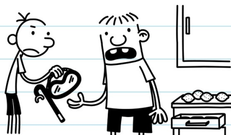
Aí ele falou que, pra fazer limonada, era preciso cortar os limões ao MEIO e depois ESPREMER na água, o que teria sido melhor saber desde o início.



Mas o Rowley estava com medo de cortar os limões porque achava que eles fariam seus olhos lacrimejarem. Eu falei que ele estava confundindo limões com CEBOLAS.

Só que o Rowley não acreditou nisso de jeito nenhum e eu sabia que precisava fazer alguma coisa.

Daí remexi nas tralhas da garagem até encontrar um protetor para os olhos do Rowley.



Quando o Rowley se acalmou, a gente começou a cortar os limões. E isso foi BEM MAIS difícil do que eu imaginava.

Quando cortei o PRIMEIRO limão, levei um jato de suco bem no olho.



Ardeu ABSURDAMENTE e eu mal conseguia enxergar. Aí o Rowley tirou a máscara e começou com aquele papo de "eu avisei", mas eu não estava nem um pouco a fim de ouvir.

Depois de recuperar a visão e de espremer todos os limões na água, montamos nossa banquinha na calçada.

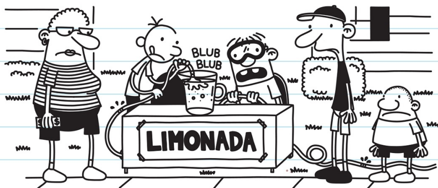


Algumas pessoas até pararam, mas só pra criticar tudo. Uma mulher falou que a gente precisava mexer a limonada pra misturar melhor o açúcar. Mas, mesmo DEPOIS de fazermos isso, ela nem sequer comprou um copo.

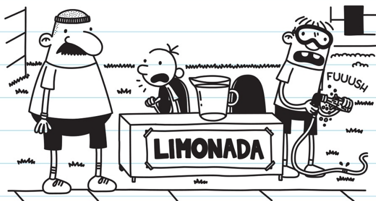


Um cara provou nossa limonada e reclamou que estava DOCE demais.

As pessoas que vieram depois disseram a mesma coisa, então joguei metade do suco fora e acrescentei mais água. Mas ninguém gostou de ver de ONDE eu peguei a água.



Um sujeito reclamou que o copo era o mesmo pra todos os clientes, e não adiantou eu explicar que a gente enxaguava o copo depois de alguém usar.



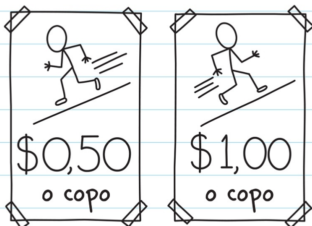
Cansamos de ficar fritando no sol e concluímos que a nossa banquinha de limonada poderia funcionar num sistema self-service. Daí a gente deixou tudo lá, pra que as pessoas pagassem pelo que bebessem.

Mas, como acontece em qualquer sistema baseado na honestidade, sempre tem alguém pra estragar TUDO.



A gente percebeu que não ia ter jeito: a limonada devia ser vigiada o tempo todo. Então pegamos outro copo no armário da cozinha e voltamos lá pra fora.

Comecei a reparar que as pessoas que SUBIAM a ladeira pareciam estar com muito mais sede que as pessoas que DESCIAM. Daí bolei uma nova política de preços pra tirar vantagem disso.

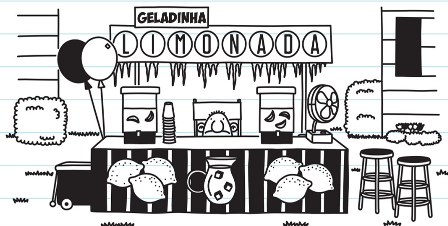


Algumas pessoas acharam que o pote no balcão era pra GORJETAS e começaram a deixar uns trocados por lá. Depois disso, começamos a insistir nas gorjetas, pois aquele dinheiro dava um lucro de 100%.



Comecei a ficar animado com a coisa toda, mas aí um garoto chamado Cedric Cunningham decidiu abrir a PRÓPRIA banquinha algumas casas adiante.

E estava NA CARA que seus pais o ajudaram. A banca dele fez a nossa parecer uma PIADA.



Tá vendo? Esse é o problema de ser original. Cinco segundos depois, aparece um monte de gente te copiando.

Mas eu sou profissional e não levo a concorrência pro lado pessoal. Por isso ofereci duas pratas pro Cedric desmontar aquela banquinha e ele aceitou.

Um minuto depois, a banca estava montada de novo. E bem na frente da nossa, do outro lado da rua.

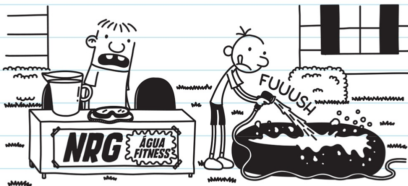
Fiquei bem irritado. A nossa limonada estava acabando e eu sabia que o papai não ia me dar mais dinheiro pra comprar ingredientes.

Foi quando percebi que, se vendêssemos ÁGUA em vez de limonada, seríamos poupados de uma série de aborrecimentos.

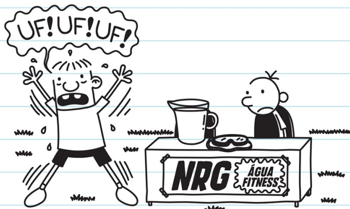
Além disso, estava na cara que o Cedric ia dominar o mercado da limonada, PRINCIPALMENTE depois do novo cartaz que ele pendurou.



Mas eu sabia que a água ia precisar ser muito especial pras pessoas PAGAREM por ela. Então inventei um nome maneiríssimo e enchi a piscininha do Manny pra ter um estoque que durasse um bom tempo.



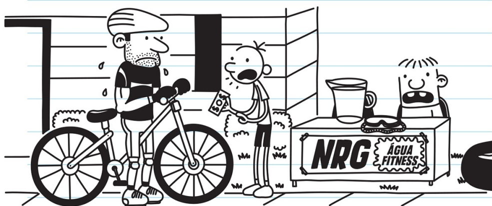
Se aquela coisa era uma "água fitness", as pessoas precisavam ver que funcionava MESMO. Por isso pedi pro Rowley fazer uns polichinelos e umas flexões na frente da banquinha.



Só que o Rowley não está muito em forma, então não foi lá a melhor propaganda pra nossa empresa.



Por sorte, um cara que estava super em forma apareceu, daí ofereci um dinheirinho pra ele dizer pra todo mundo que tinha ficado daquele jeito porque bebia a Água Fitness NRG.



Mas ele devia ter coisa melhor pra fazer, porque falou que não estava interessado.

Infelizmente, um cara que ia DESCER a ladeira ouviu a gente e falou que anunciaria DE GRAÇA o nosso produto.



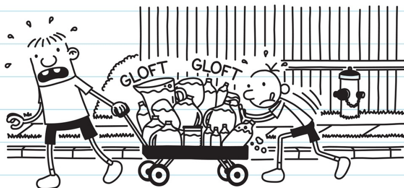
Sem querer ser cruel nem nada, mas ele não era bem o que a gente estava procurando.

Então, pra me livrar logo dele, dei três pratas pro cara anunciar que NÃO BEBIA nosso produto.

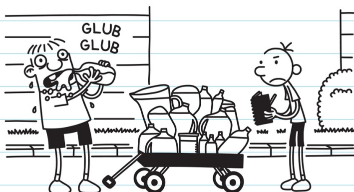
Percebi que a gente ainda estava tentando concorrer com o garoto do outro lado da rua e que, pra faturar DE VERDADE, nosso negócio precisava mover suas operações para um novo mercado.

E eu conhecia o lugar certo: o parque da cidade.

Com o mutirão de limpeza acontecendo por lá, percebi que ia ter MILHÕES de voluntários sedentos. Então o Rowley e eu enchemos um carrinho de mão com o máximo de mercadoria possível e seguimos ladeira abaixo.

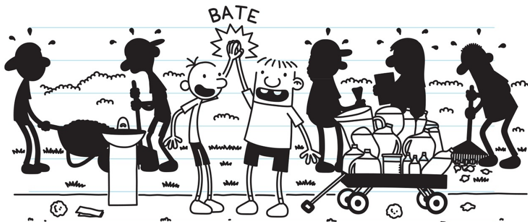


Na metade do caminho, o Rowley falou que estava desidratado e precisava beber algo. Eu não queria parar, mas ele estava quase desmaiando. Então, deixei ele pegar uma garrafa e anotei o valor pra cobrar mais tarde.



Quando a gente chegou no parque, parecia que a cidade INTEIRA estava lá. Todo mundo estava dando duro e o calor era de rachar.

Como BÔNUS, a fonte tinha quebrado, e as pessoas não tinham nenhum lugar pra matar a sede. Eu e o Rowley percebemos que íamos ARREBENTAR de vender nosso produto.



Infelizmente, a mamãe nos interceptou e perguntou o que estávamos fazendo lá.

Respondi que a gente ia vender água fitness pra quem estivesse disposto a desembolsar alguns trocados.



Mas a mamãe falou que era "de mau gosto" lucrar em cima de voluntários que estavam sacrificando seu sábado pra deixar o parque limpo. Argumentei que quem bebesse a nossa água conseguiria trabalhar EM DOBRO. Ou seja, a limpeza seria bem mais rápida.



Enquanto eu discutia com a mamãe, as mulheres que estavam cuidando do canteiro de flores simplesmente SAQUEARAM nossa mercadoria.

E, antes que a gente pudesse fazer alguma coisa pra impedir, derramaram nosso estoque inteiro como se fosse uma porcaria qualquer.

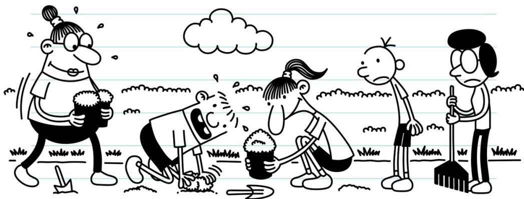


Fiz uma continha rápida e percebi que um lucro de pelo menos 200 pratas estava sendo tragado pela terra. Mas as mulheres apenas voltaram a cuidar dos canteiros como se não tivessem feito nada de mais.

Só que ainda dava pra virar o jogo. Eu e o Rowley pegamos as garrafas vazias e fomos até o riacho pra reabastecer.

Mas aí a mamãe resolveu interferir. Ela falou pra gente ajudar na limpeza e nos deu umas ferramentas de jardinagem.

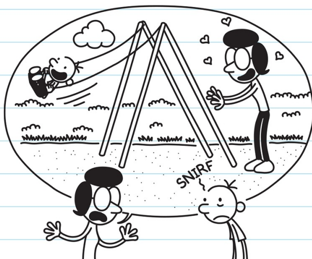
Expliquei que nós estávamos ali como HOMENS DE NEGÓCIOS, e empresários DE VERDADE não trabalham de graça. Mas, antes mesmo de eu fechar a boca, o Rowley já estava ajoelhado e plantando mudas.



Eu tinha que dar no pé o mais rápido possível, antes de me envolver naquilo TAMBÉM. Mas a mamãe tinha uma carta na manga.

Ela falou que, quando eu era pequeno, me levava ao parque todos os dias e que essa é a memória mais especial que ela guarda de nós dois.

Ela me falou que, se a gente NÃO limpasse o parque, OUTRAS mães não iam poder ter esses momentos inesquecíveis com SEUS filhos.



A mamãe sabe EXATAMENTE como me pegar. E foi assim que acabei varrendo folhas DE GRAÇA em vez de ganhar um caminhão de dinheiro.

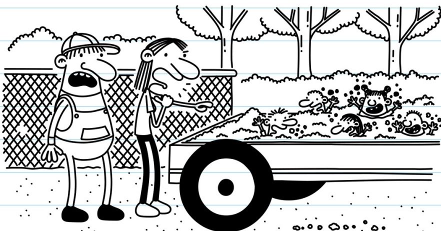
Inclusive, o rastelo que ela me deu pra trabalhar estava um lixo, mas quando pedi outro, ela falou que todo mundo estava se virando com o que tinha.

Demorei meia hora pra juntar uma mísera pilha de folhas, para logo em seguida um bando de crianças passar correndo e destruir meu trabalho.

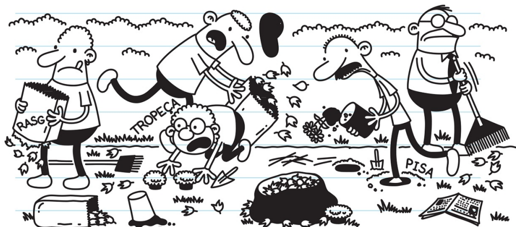


Não me pergunte por que teve gente que levou os filhos pro mutirão, já que as crianças não ajudavam em NADA. Na verdade, só ficavam CAUSANDO.

Uma hora estavam todas brincando numa carroceria lotada de adubo e alguém teve de retirá-las de lá.



Na real, o próprio mutirão de limpeza estava TOTALMENTE desorganizado. Não tinha ninguém no comando e a coisa toda estava um CAOS.



Tudo ficou ainda mais INSANO quando um ônibus lotado de adolescentes com uniforme laranja parou no estacionamento.



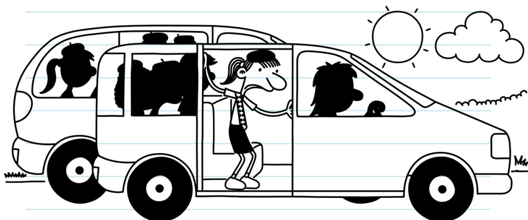
Pelo que entendi, aquele pessoal estava cumprindo um tipo de pena alternativa por crimes como pequenos furtos e vandalismo. E eu até arriscaria dizer que alguns deles eram responsáveis pelas pichações no playground.

Os caras do serviço comunitário estavam mais interessados em ficar bagunçando do que em ajudar. E eles estavam fazendo algumas coisas bem PERIGOSAS.



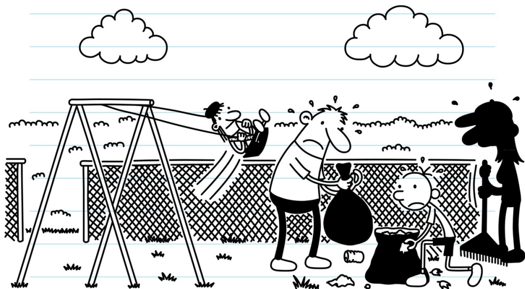
E, quando parecia que a coisa toda não podia ficar pior, apareceu um monte de vans e uma tropa de bandeirantes saiu delas.

E as meninas estavam dispostas a trabalhar SÉRIO.



Em dez minutos, organizaram todos em equipes, sempre com uma bandeirante no comando de cada grupo.

Minha equipe ficou responsável por varrer as folhas do playground e a bandeirante encarregada do grupo devia ter uns 6 anos.



É meio constrangedor admitir, mas, pra ser bem sincero, fiquei CONTENTE por elas terem aparecido e colocado todo mundo na linha.

Sempre que vejo as bandeirantes envolvidas em algum projeto, fico bem IMPRESSIONADO.

Há alguns meses, a prefeitura decidiu montar uma horta comunitária, mas ninguém quis tomar a frente da coisa e o projeto ficou abandonado.

Daí as bandeirantes entraram em cena e fizeram tudo em uma única tarde de domingo.



Diante disso, o que posso dizer é: se um grupo de meninos da minha idade fosse encarregado para fazer algo do tipo, não sairia coisa boa. PRINCIPALMENTE usando ferramentas elétricas.



Apesar de terem ido ao parque pra trabalhar, as bandeirantes não perderam a oportunidade de arrecadar fundos. Elas montaram uma banquinha pra vender biscoitos, e uma das primeiras pessoas a comprar foi a MAMÃE. Parece que ela mudou de ideia sobre vender coisas pros voluntários.



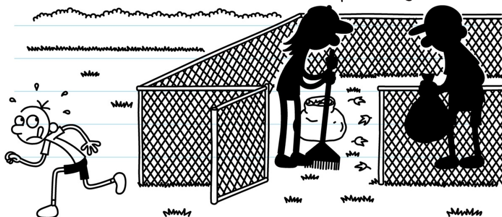
Fiquei feliz que as bandeirantes estivessem no comando, mas elas puseram todo mundo pra trabalhar MESMO. Depois de uma hora varrendo folhas, eu estava exausto e querendo ir pra casa. Mas estava na cara que NINGUÉM poderia ir antes de pôr a última folhinha no saco de lixo.

Outra pessoa do meu grupo que parecia estar no limite era o Frew, meu Parceiro de Lição de Casa.

Quando as pessoas perceberam que o Frew era muito inteligente, um bando de ADULTOS começou a encher o saco dele perguntando coisas que geralmente pesquisavam no CELULAR.



A cada meia hora, as bandeirantes se revezavam no comando dos grupos. Então, numa das trocas, notei uma brecha e APROVEITEI para fugir.

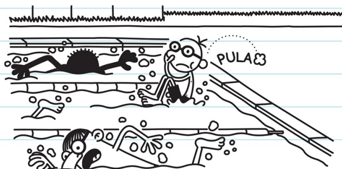


Eu sabia EXATAMENTE pra onde ir: o riacho.

Quando eu era da equipe de natação no primeiro ano, o papai me deixava na piscina pública todo o santo dia. Mas, ASSIM que ele ia embora, eu me mandava para o riacho e ficava por lá pegando lambaris.

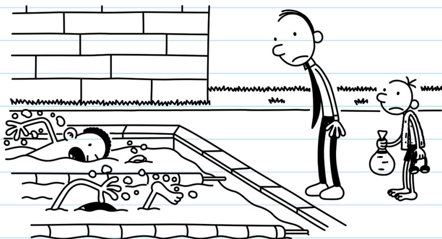


Sempre tomei o cuidado de voltar pra piscina antes de o papai me buscar e pulava na água no último minuto. Assim, parecia que eu tinha nadado o tempo todo.



Uma vez o papai chegou MAIS CEDO pra me ver nadar e acho que me empolguei demais com os lambaris.

Acabei chegando na piscina DEPOIS dele e fui pego em flagrante.



Hoje achei que poderia dar um pulinho até o riacho e voltar logo em seguida sem ninguém perceber.

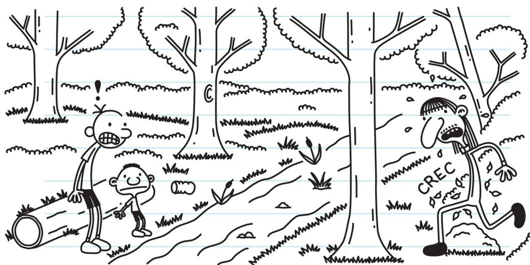
Mas, 30 segundos depois de chegar lá, ouvi alguém no meio do mato.

No fim, era o Frew. Ele me viu fugir do parque e resolveu VIR ATRÁS.

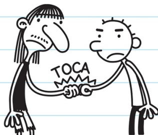


Frew falou que não aguentava mais os adultos o azucrinando. E, quando me viu sair, concluiu ser uma excelente ideia.

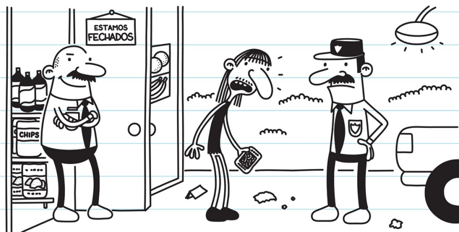
Enquanto conversávamos, ouvi o som de alguma coisa GRANDE se aproximando. Pensei que era um URSO, mas pra minha surpresa era um dos caras do serviço comunitário.



Eu CONHECIA aquele sujeito: era o Billy Rotner. Ele costumava frequentar nosso porão durante os ensaios da banda do Rodrick.

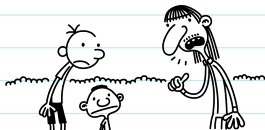


Há um mês, mais ou menos, ouvi o Rodrick contando pra um amigo que o Billy tinha sido pego roubando um pacote de balas de goma no mercadinho.

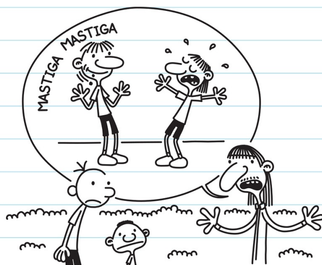


Não fiquei nem um pouco contente por aquele cara ter me seguido até o meu esconderijo. Falei pro Billy voltar pro parque antes que TODO MUNDO acabasse encrencado.

Mas o Billy falou que estava fugindo pra NUNCA MAIS voltar pro serviço comunitário.



Depois começou a contar que, quando era pequeno, a mãe dele costumava comprar um pacotinho de minhocas cítricas pra ele dividir com o irmão, mas o irmão não dava nenhuma pra ele e engolia o pacote todo.

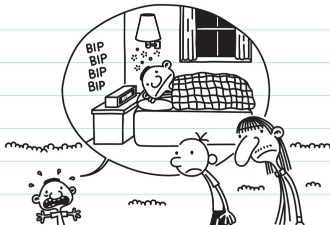


Billy disse que roubou no mercadinho pra finalmente ter um pacote inteiro de minhocas cítricas só pra ELE.

Eu estava ficando bem sem jeito com aquela história toda e torci pro Frew ser capaz de fazê-lo tomar um pouco de juízo.

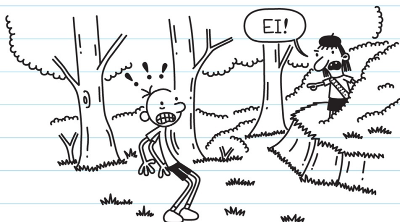
Só que o Frew começou a resgatar lembranças TAMBÉM.

Ele resolveu contar que seus pais o faziam acordar às cinco da manhã seis vezes por semana pra estudar geografia. E que nunca podia brincar, pois os pais dele consideravam isso uma perda de tempo.



Aquilo tudo estava ficando um pouco exagerado demais pra mim, daí decidi que era melhor ficar só varrendo folhas em vez de ouvir aquelas histórias.

Então eu resolvi voltar pro playground. Nessa hora, a bandeirante líder do meu grupo apareceu DO NADA e me pegou de surpresa.



Meu instinto me fez CORRER. O Frew e o Billy me viram fugindo e fizeram a mesma coisa imediatamente.

Mas a bandeirante tinha um APITO. E, quando percebi, a tropa toda estava na nossa cola, numa perseguição implacável.

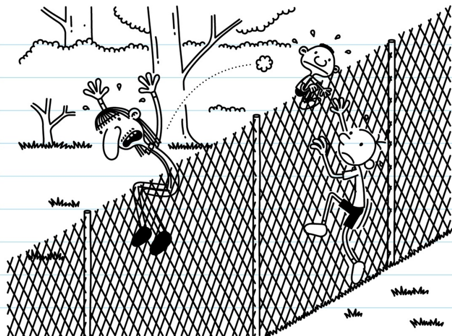
Comecei a correr mais depressa AINDA quando me dei conta de que o Frew e eu poderíamos ter sérios problemas com a justiça por acobertar um foragido.

Não sei se as bandeirantes têm autoridade pra PRENDER alguém, mas também não ia ficar ali parado pra descobrir.

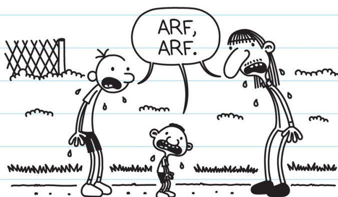


Até onde eu sei, poderia ser uma ação que renderia a elas algum distintivo.

Quando a perseguição começou, o Billy tomou a frente e o Frew e eu fomos atrás DELE. Estava na cara que ele tinha experiência com aquele tipo de coisa, porque parecia saber muito bem o que estava fazendo.



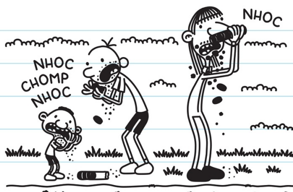
Depois de um tempo, conseguimos abrir distância das bandeirantes e quase não dava pra ouvir o apito. Então paramos um minutinho pra recuperar o fôlego.



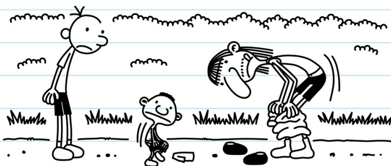
Billy falou que a gente precisaria repor as energias se quisesse continuar longe das bandeirantes.

Então ele sacou um pacote de bolacha recheada do macacão e dividiu entre nós três.

Melhor supor que ele PAGOU por aquelas bolachas. Se NÃO for o caso, prefiro nem saber.



Depois que comemos os biscoitos, Billy explicou que precisávamos TIRAR as roupas. Assim, se cães FAREJADORES entrassem na perseguição, eles seriam despistados.

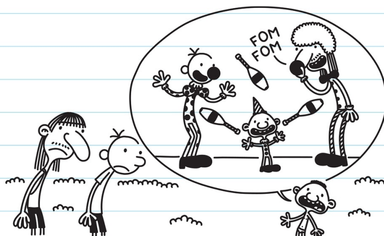


Foi quando me toquei de que, se esse cara não conseguiu nem roubar um pacotinho de minhocas cítricas, ele devia ser a ÚLTIMA pessoa no mundo de quem eu aceitaria esse tipo de conselho.

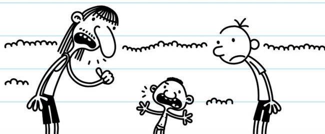
Percebi ter cometido um GRANDE erro e comecei a pensar num jeito de escapar daquela situação. Então falei que a gente precisava se separar, porque ASSIM a perseguição ficaria mais difícil.

Mas o Frew falou que tínhamos que ficar JUNTOS.

Ele disse que a gente podia viajar o mundo inteiro em aventuras malucas. E, de repente, até fazer parte de algum um circo.



Billy pareceu gostar da ideia. Então, eles começaram a discutir sobre quem ficaria com o dinheiro da venda dos direitos pro cinema se ficássemos famosos.



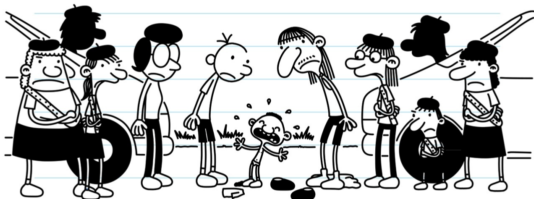
Aproveitei a oportunidade pra tentar escapar. Mas, quando me virei pra fugir, um monte de carros apareceu DO NADA.



A mamãe estava no primeiro e as bandeirantes nos de trás.

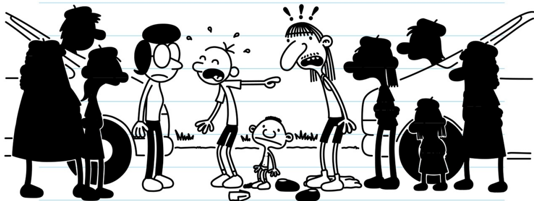
Por um instante, cheguei a pensar que o Frew fosse tentar uma fuga desesperada de última hora.

Só que, por fim, toda aquela conversa de passar a vida fugindo foi por água abaixo.



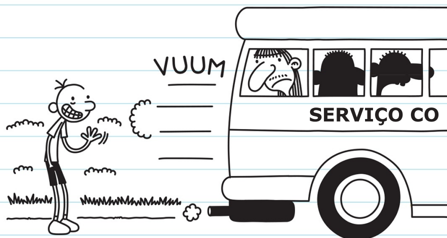
Pensei que a mamãe fosse ficar muito brava, mas ela parecia mesmo estar ALIVIADA. Queria saber onde eu estava com a cabeça pra fugir daquela maneira.

Achei que o Billy ia se dar mal de QUALQUER jeito. E não valia a pena os TRÊS serem responsabilizados. Daí eu simplesmente pus toda a culpa NELE.



Me senti meio mal. Mas, sendo bem justo, a ideia de roubar as minhocas tinha sido DELE.

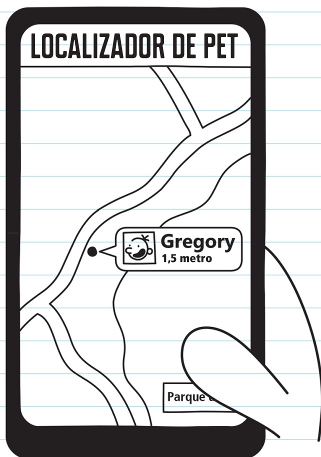
Não sei quanto tempo de serviço comunitário extra vão acrescentar à pena do Billy. Mas, quando ele terminar de CUMPRIR tudo, espero já estar na faculdade, do outro lado do país.



A coisa mais louca de tudo isso foi a maneira como a mamãe DESCOBRIU onde a gente estava.

Quando ela comprou o chip localizador via GPS pro PORCO, aproveitou e comprou um pra MIM também. Então, eu vinha andando com aquela coisa no cadarço do tênis durante dois meses sem saber.

E, quando desapareci no parque, a mamãe usou o CELULAR pra descobrir onde eu estava.



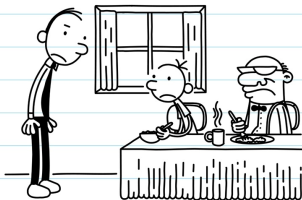
Mas agora não é hora de reclamar que a mamãe é superprotetora. Se ela não tivesse me resgatado, eu poderia acabar em um circo itinerante com o Frew e o Billy.

E isso foi um adeus à ideia dela de "desplugar".

Sexta-feira

Se o papai já estava no meu pé ANTES, está mil vezes pior AGORA.

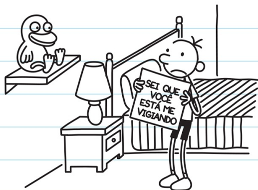
Depois do incidente no parque semana passada, está na cara que ele não confia mais em mim. E, sempre que está em casa, junta o vovô e eu no mesmo lugar pra poder ficar de olho na GENTE.



Pra mim, teria sido melhor nunca saber da câmera de vigilância, porque essa coisa está me deixando paranoico. Na verdade, poderiam ter VÁRIAS câmeras dentro de casa.

E uma deve estar no pato de pelúcia do Manny, porque os olhos do bicho parecem me seguir.

Se NÃO existir uma câmera lá dentro, eu tenho feito um baita papel de bobo nos últimos dias.

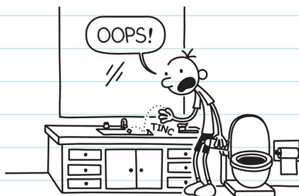


Por sorte, a mamãe levou o papai ao aeroporto pra uma viagem de trabalho nesta manhã, e ele não tem como me monitorar o tempo todo enquanto estiver fora. Mesmo assim, estou fazendo de tudo pra não pisar na bola, pro caso de a filmagem estar sendo salva em algum disco rígido.

De manhã, enquanto eu escovava os dentes, fiz questão de tampar a pasta de dente, como o papai sempre pede.

Só que os meus dedos estavam molhados e a tampinha caiu na pia.

Ela quicou algumas vezes e foi parar dentro do ralo.



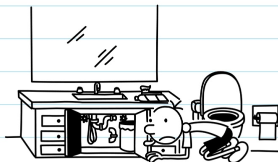
Eu sabia que, ASSIM que voltasse de viagem, o papai iria até o banheiro pra ver se a pasta estava devidamente tampada. Então, eu PRECISAVA recuperar aquela tampa.

A primeira tentativa foi pescar a tampinha com um cotonete. Só que o que consegui resgatar foi um bolo de cabelos com uma gosma nojenta.



E, agora que sei o que tem dentro da pia das pessoas, com certeza nunca vou querer ser encanador.

Pelo jeito, eu tinha enfiado a tampinha da pasta de dente AINDA MAIS fundo com o cotonete, então abri o armarinho da pia pra ver se descobria onde ela foi parar.



Eu sabia que o papai tinha guardado no porão um monte de livros do tipo "faça você mesmo" sobre encanamentos. Pensei que fosse encontrar neles instruções detalhadas sobre como resolver esse tipo de problema.

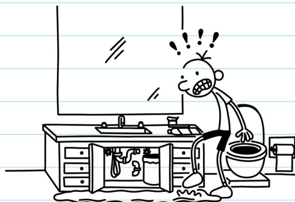
Não entendi lhufas dos gráficos do livro, daí resolvi improvisar. Tinha um tubo de plástico bem embaixo da pia e deduzi que a tampa estaria ali dentro.

Então soltei a porca que prendia o tubo ao cano de metal e a coisa toda saiu bem facinho.

Mas tenho a impressão de que antes devia ter fechado o registro ou coisa do tipo, porque a água começou a jorrar e se espalhar pelo banheiro todo.

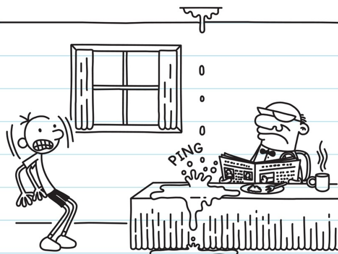


Demorei um tempo pra encontrar o registro, e quando finalmente encontrei, já tinha uma poça gigante no chão.



Enxuguei o que deu com as toalhas do banheiro. Depois, desci correndo pra pegar mais algumas na lavanderia.

Mas, quando passei pela cozinha, percebi que o problema era MUITO maior.

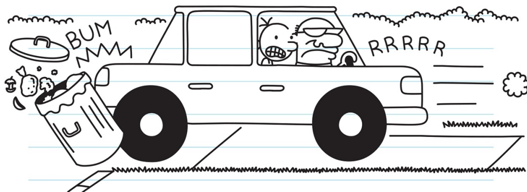


Expliquei pro vovô de onde estava vindo a água e ele nem ligou. Disse que o único estrago DE VERDADE ia ser uma mancha de umidade no teto da cozinha.

Fico feliz que o vovô não tenha achado nada de mais, mas com certeza o papai iria encarar a coisa de um jeito BEM DIFERENTE.

Implorei pro vovô me ajudar a sair daquela encrenca e ele concordou. O vovô explicou que existe um tipo de tinta pra cobrir manchas de umidade e que ia me levar até a loja de material de construção pra comprar.

Parecia uma ÓTIMA ideia. Ele pegou a chave do carro do papai pra gente ir. Mas, quando engatou a ré pra sair da garagem, já derrubou uma lata de lixo.



Nem dei muita bola. Mas, quando ele BATEU na caixa de correio do vizinho, comecei a ficar preocupado.

Eu nem lembrava mais a última vez em que havia entrado num carro com o vovô dirigindo. Daí me toquei: no ano passado, ele não passou no exame para renovar a habilitação e teve a carteira SUSPENSA.

Desde então, ele não tem mais permissão pra dirigir.

Fiquei bem tenso, então falei pro vovô que era melhor voltar. Mas ele já tinha entrado na pista e não estava nem aí.

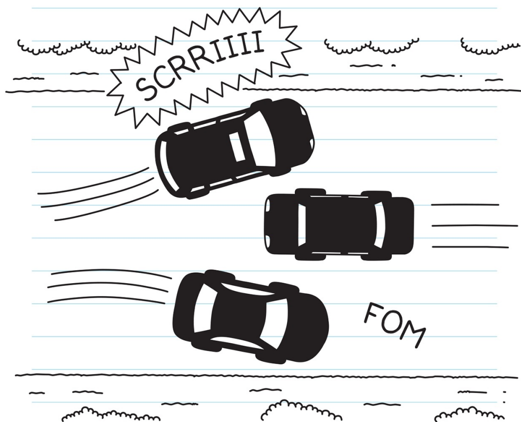


Quando saímos do bairro, ele pareceu ter pegado o jeito da coisa. Mesmo assim, fiquei bastante angustiado no momento em que pegamos o acesso para a via expressa.

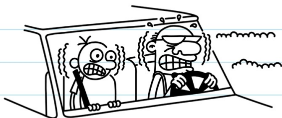
Por sorte, o trânsito não estava carregado e a loja ficava só alguns quilômetros adiante.

O estranho era que toda a sinalização ao longo da pista estava virada pro lado errado, o que era definitivamente confuso.

Então, eu vi dois carros vindo bem na nossa direção. De algum jeito, o vovô tinha conseguido pegar o acesso de SAÍDA da via expressa e não o de ENTRADA e nós estávamos indo na CONTRAMÃO.

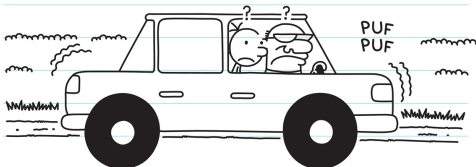


O vovô pisou fundo no freio. O carro deu um cavalo de pau e parou no acostamento, já na direção certa. Foi um MILAGRE não ter ocorrido uma tragédia e a experiência de quase morte nos deixou bem abalados.

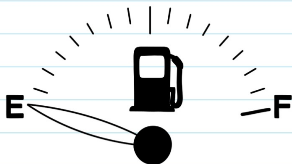


Engraçado como, de repente, a mancha no teto da cozinha não parecia mais um problema tão sério. Vovô e eu concordamos em voltar pra casa e encerrar a coisa por ali.

Pelo menos íamos trafegar na direção CERTA. Mas, quando o vovô dirigiu alguns poucos metros, o motor pifou.



Pensei que tinha acontecido algo com o carro por causa daquela freada repentina, daí olhei no painel e vi que estávamos sem GASOLINA.



Rodrick usou o carro na noite anterior para ir trabalhar e OBVIAMENTE não encheu o tanque.

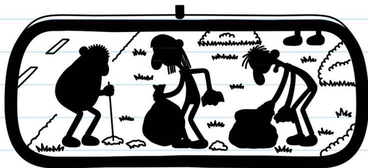
O vovô viu uma placa que indicava haver um posto 1,5 km adiante e decidiu ir até lá comprar um galão de combustível.

Queria ir JUNTO, só que ele achou melhor eu ficar, pro caso de a fiscalização aparecer e querer guinchar o carro. Não gostei muito da ideia, mas era o único jeito.

O vovô saiu a pé e eu esperei pelo que me pareceu ser UMA HORA. Comecei a ficar preocupado, daí olhei pelo retrovisor e vi uma movimentação à distância.

Um grupo de pessoas estava vindo pelo acostamento na direção do carro. No início fiquei até animado, porque pensei que eles poderiam AJUDAR. Mas, quando notei os macacões cor de laranja, eu PARALISEI.

Era o pessoal do serviço comunitário e eles estavam cada vez mais perto.

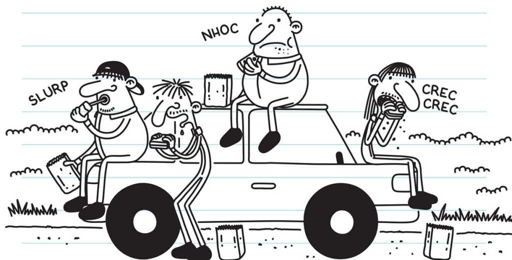


Quando se aproximaram um pouco mais, vi que o BILLY estava ali no meio. Pensei em sair correndo, mas não queria arriscar ser pego logo de cara por aqueles delinquentes.

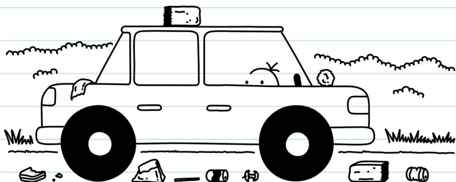
Fiz a única coisa em que consegui pensar, que foi trancar as portas e me ESCONDER. Como não existem esconderijos muito bons dentro de um CARRO, a melhor opção foi me encolher debaixo do painel e ficar paradinho.



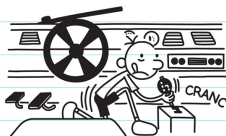
Prendi a respiração e comecei a rezar. Demorou uma ETERNIDADE pra eles chegarem até o carro. E, quando apareceram, decidiram que ali era um BOM LUGAR pra fazer um lanche.



Por fim, eles terminaram de comer e seguiram em frente. Mas deixaram pra trás uma baita sujeira, mostrando que não estavam levando o serviço de limpeza muito a sério.

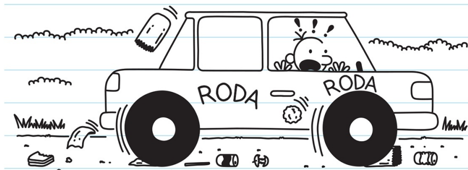


Quando eles já estavam longe, saí do esconderijo. Só que as minhas DUAS pernas estavam adormecidas de tanto ficar naquela posição desconfortável, então me agarrei na alavanca da marcha pra levantar.



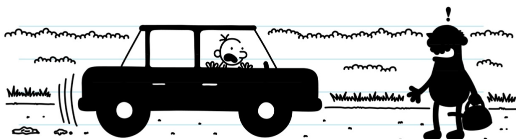
Mas aí ela se MOVEU e o carro começou a ANDAR.

Sem querer, eu tinha DESENGATADO o carro e as rodas DESTRAVARAM.

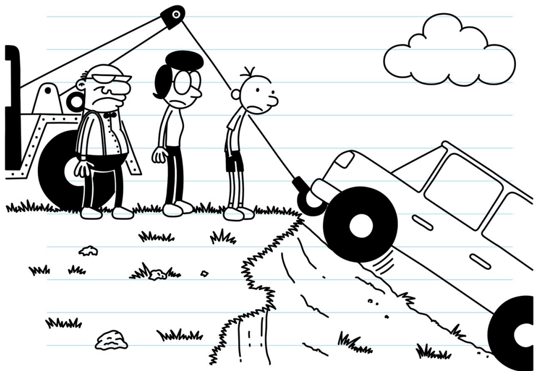


O carro foi ganhando velocidade, então pisei no freio. Só que o pedal estava travado e o carro continuou andando. Fiquei com medo de acabar entrando na via expressa e causar um acidente.

Vi o VOVÔ caminhando na minha direção pelo acostamento e entrei em PÂNICO.



Virei o volante com tudo pra esquerda e POR POUCO não atropelei o vovô. O problema foi que embiquei o carro num BARRANCO. E foi lá que ele ficou até a mamãe aparecer com um guincho, duas horas depois.

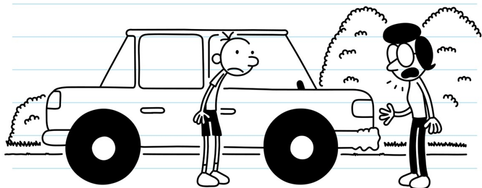


Se eu pudesse voltar no tempo, teria simplesmente deixado a tampa da pasta de dente no ralo.

Segunda-feira

Quando chegamos em casa, IMPLOREI pra mamãe não contar pro papai o que aconteceu com o carro.

Mas ela falou que o para-choque estava amassado, então ele ia descobrir DE QUALQUER JEITO.



Minha única opção era sair da cidade. E pensei numa maneira PERFEITA de fazer isso.

A excursão da escola pra Fazenda Mãos à Obra sai hoje e vai durar a semana INTEIRA. Acho que, até eu VOLTAR, o papai já vai ter se acalmado, pelo menos um pouco.

Então contei pra mamãe que tinha mudado de ideia sobre a viagem e ela ficou toda empolgada.

Ligou pra escola pra ver se eu ainda podia ir. Por sorte, ainda tinha alguns lugares sobrando nos chalés.

Revirei minha mochila e encontrei a lista do que devia ser levado na viagem, enviada pela escola no mês passado.

Lista de bagagem para a Fazenda Mãos à Obra



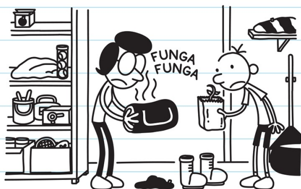
repelente
calçado para trilha
capa de chuva
cantil
mochila
calça jeans
saco plástico
filtro solar
artigos de banheiro
meias de lã

Dispositivos eletrônicos e guloseimas são PROIBIDOS

Não dava mais tempo de comprar todas essas coisas. Felizmente, a mamãe achou a bolsa de viagem do Rodrick na garagem. Ele nunca mais mexeu nela depois de voltar da excursão, ANOS atrás.

Dentro dela tinha o calçado, a capa de chuva, o cantil, o repelente e um monte de outras coisas da lista. Incrível.

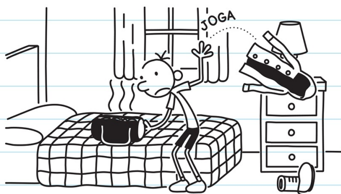
Mas a bolsa estava FEDENDO. O Rodrick largou a metade de um sanduíche de presunto lá dentro e tinha umas formas de vida crescendo no pão.



Fiquei meio preocupado com a questão da comida no acampamento e pensei em esconder uns chocolates na bolsa. Mas, como não sabia qual seria o castigo caso fosse PEGO, resolvi escondê-los na minha gaveta de meias pra ninguém comer enquanto eu estivesse fora.

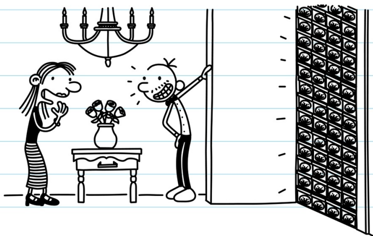
Só que, quando o assunto era meu CONFORTO, eu não ia abrir mão de nada.

Escondi três embalagens inteiras de lencinhos umedecidos na mochila, apesar de isso tomar o espaço da capa de chuva.

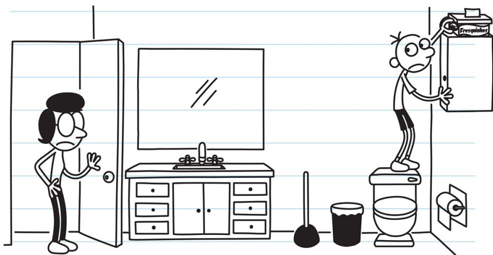


Pus os lencinhos no fundo da mochila porque não queria que a mamãe soubesse que eu ia levar. Ela diz que os lencinhos custam caro demais pra ser usados como se fossem papel higiênico e que são só pro MANNY.

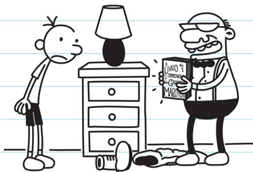
Está aí uma razão a mais pra eu ser rico quando crescer. Com dinheiro de sobra, vou comprar quantos lencinhos umedecidos eu QUISER.



Mas, até ter meu próprio dinheiro, precisarei surrupiar o estoque do Manny.

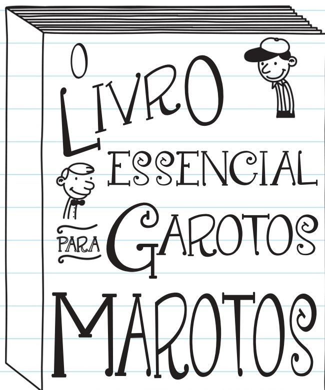


Quando eu estava quase saindo, o vovô me deu um livro e disse que seria bem útil.



O vovô contou que usava aquele livro quando tinha a minha idade, e que deu pro papai quando ELE também chegou à minha idade. Agora, era a vez de o livro ser passado para MIM.

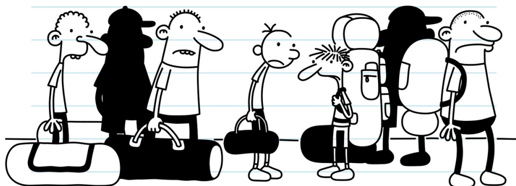
Aquele livro me pareceu meio antiquado, mas não queria magoar o vovô. Falei que ia levar comigo e ler o quanto antes.



Usei o ÚLTIMO espaço na bolsa pra guardar o livro. E quanto mais coisas tivesse para cobrir os lencinhos, tanto melhor.

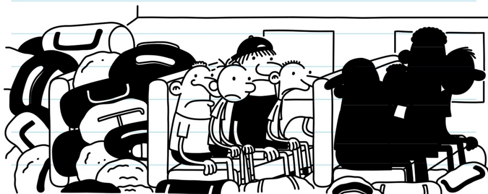
Só que, quando a mamãe me deixou lá na escola, notei que estava GRAVEMENTE despreparado pra viagem.

Todo mundo tinha TONELADAS de bagagem. Senti que não estava suficientemente equipado.



Depois de pôr tudo no ônibus, as malas ocuparam pelo menos metade do espaço.

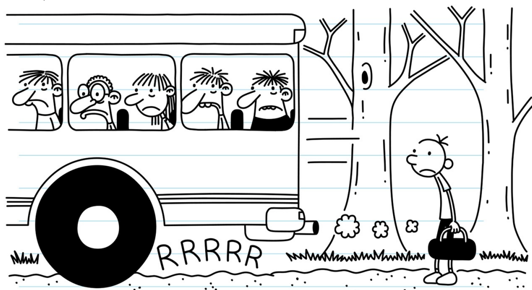
Ou seja, a gente teve que se espremer nos assentos, o que tornou a viagem até a Fazenda Mãos à Obra BEM mais longa do que era de fato.



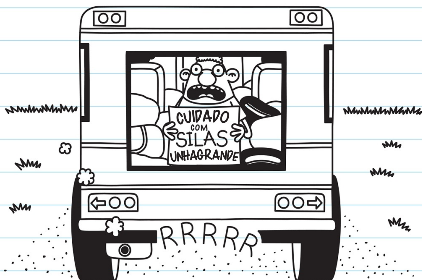
Quando finalmente chegamos e passamos pela entrada principal, foi um alívio imenso. Mas esse último trecho foi um verdadeiro MASSACRE, porque a estrada era de terra.



No momento em que descemos do ônibus, um grupo de estudantes de outra escola estava indo embora. E todos aqueles garotos pareciam querer sumir dali o quanto antes.



Um moleque no fundo do ônibus segurava um cartaz escrito à mão que parecia não fazer sentido.

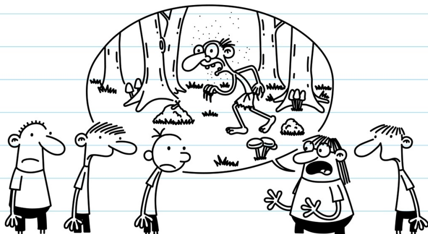


Alguns dos meus colegas de sala ficaram bem apavorados ao ver aquilo. Um garoto que estava perto de mim falou que seu irmão mais velho tinha vindo à Fazenda Mãos à Obra alguns anos antes e contou sobre o Silas Unhagrande.

Parece que o tal do Silas Unhagrande era um lavrador que morava na Fazenda Mãos à Obra há muito tempo, daí o governo expulsou o cara daquelas terras pra sempre.

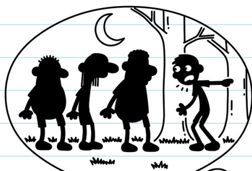


Outro moleque disse que OUVIU falar que o Silas Unhagrande tinha ido viver na floresta, onde comia larvas e frutas. Depois, Melinda Henson completou dizendo que, pelo que soube, o sujeito tinha ficado MALUCO e nunca mais cortou as unhas.



Pois é, eu podia ter ficado sem essa parte das unhas, porque é o tipo de coisa bizarra que me dá arrepios.

Um dos nossos monitores, o sr. Healey, contou que quando ELE fez a excursão à Fazenda Mãos à Obra em sua época de escola, um garoto chamado Frankie topou com a cabana do Silas Unhagrande. E, depois do que viu, o tal Frankie nunca mais foi o mesmo.




Quem nunca tinha ouvido falar do Silas Unhagrande ANTES, agora sabia TUDO sobre ele. A história se espalhou como fogo em mato seco.



Na boa, achei essa coisa toda do Silas Unhagrande bem perturbadora.

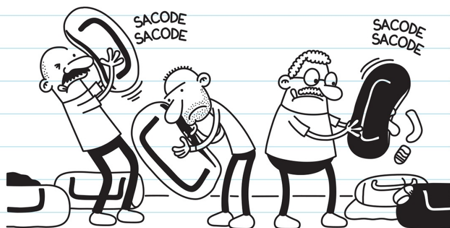
Posso GARANTIR que, se alguém tivesse me falado de um lavrador pirado rondando a Fazenda Mãos à Obra, eu ia preferir MIL VEZES ficar em casa e encarar o papai.

Depois de descarregarmos o ônibus, levamos as coisas até o alojamento principal. Era um chalé gigantesco com mesas enormes de madeira maciça.

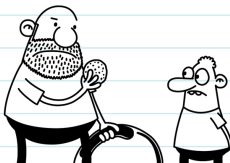
A responsável pela excursão era a sra. Graziano e, quando todos se sentaram, ela anunciou as regras do acampamento. Tinha um MONTE de recomendações a serem seguidas. A principal, segundo ela, era que os meninos e as meninas não podiam entrar nos chalés uns dos outros, sob hipótese alguma.



A sra. Graziano falou que era seu 19º ano na Fazenda Mãos à Obra e que ela não ia tolerar nenhum tipo de mau comportamento. Em seguida, ela falou pros monitores revistarem as malas pra ver se alguém estava escondendo dispositivos eletrônicos ou guloseimas.



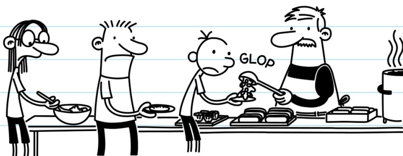
Alguns de nós foram pegos com coisas nas malas. Mike Barrows tinha um pacote de balas de goma na mochila e Duane Higgins contrabandeava um cookie de chocolate gigante.



Fiquei aliviado por ter deixado os chocolates em casa, porém temia que os monitores confiscassem meus lencinhos umedecidos. Mas, quando o sr. Jones deu a primeira cheirada na minha bolsa, logo desistiu de continuar fuçando lá dentro.

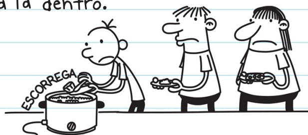


Então, fomos almoçar. O cardápio era salsicha, feijão e pimentão recheado. Não havia opções extras. Se a pessoa não gostasse de nada daquilo, azar.

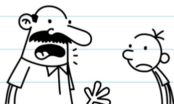


Depois do almoço, os monitores mandaram todo mundo raspar os pratos com as sobras e jogar numa panela.

Nem encostei no pimentão recheado, daí joguei a coisa toda lá dentro.



Perguntei pro sr. Healey por que as sobras eram colocadas numa panela e não na lata de lixo. Ele explicou que na Fazenda Mãos à Obra nenhum alimento era desperdiçado e que a SOBRA daquela refeição ia ser aproveitada num ensopado servido na PRÓXIMA.



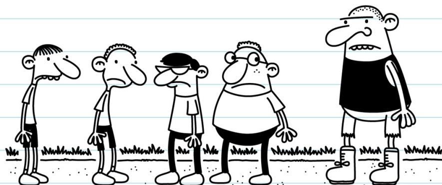
Ele contou que, na época dele de escola, já se usava aquela mesma panela na Fazenda Mãos à Obra. Ou seja, ainda podem ter sobras de 30 ANOS atrás naquela coisa.

Depois do almoço, a sra. Graziano e as monitoras levaram as meninas para os chalés delas, que ficavam do outro lado do acampamento.

A mamãe até quis se oferecer como monitora voluntária de última hora, mas não achou uma boa ideia deixar o Manny com o Rodrick e o vovô. Isso é uma pena, porque ela poderia me passar umas informações em primeira mão lá do território das meninas.

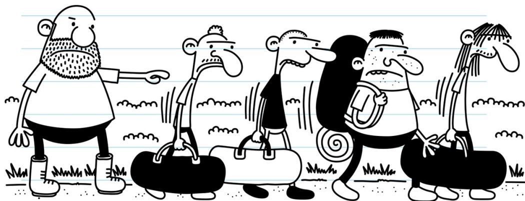


Os meninos ficaram no refeitório pra confirmar a disposição nos chalés. A maioria dos grupos era formada por quem já andava junto na escola, mas sempre parecia ter pelo menos UM meio deslocado.

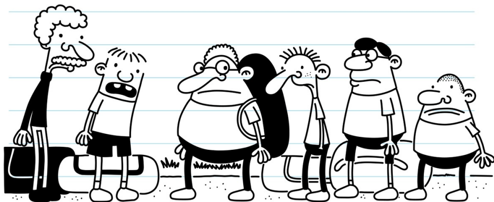


O pessoal da escola deve ter dividido a turma dos bagunceiros, pra não ter mais de um deles no mesmo chalé.

O único grupo que ficou com MAIS de um bagunceiro foi o do sr. Nuzzi. Mas o sr. Nuzzi trabalha como carcereiro, então ele deve saber muito bem como lidar com a situação.

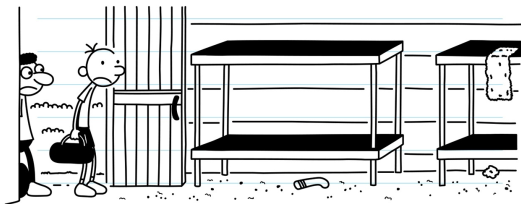


Como me inscrevi de última hora, fui colocado no grupo dos SEM TURMA, em que também estava o Rowley.



Fiquei contente por estar no mesmo grupo do Rowley, mas não gostei nem um pouco de saber que o PAI dele era o monitor. O sr. Jefferson nunca foi um grande fã meu, além disso, a ideia de dividir um chalé com ele por uma SEMANA não era nada animadora.

Logo de cara deu pra ver que quem usou o chalé antes de nós não se deu ao trabalho de limpar nada.



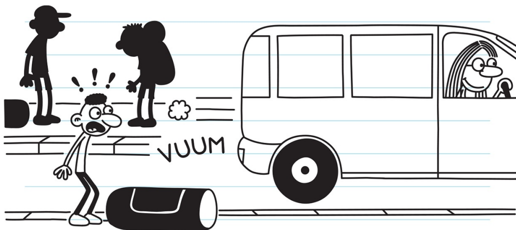
Um menino do meu grupo, Julian Trimble, parecia apavorado com a situação. O queixo dele começou a tremer assim que passou pela porta.

Fiquei meio surpreso por Julian estar participando da excursão, pois acho que ele nunca deve ter passado nem uma noite longe dos pais.

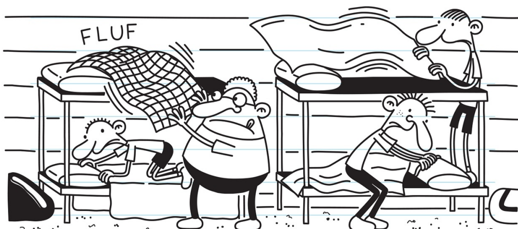
Julian sempre foi o garoto que fazia escândalo todos os dias na entrada da escola. Uma vez, no segundo ano, ele se agarrou com tanta força à mãe que a vice-diretora precisou separar os dois.



Pensei que a ideia de ir na excursão tinha sido do PRÓPRIO Julian, daí lembrei da cena que vi na escola de manhã. É, parece que a mãe do garoto armou uma cilada pra ele.



Todo mundo começou a arrumar as camas e foi nessa hora que eu entendi por que as malas deles eram tão grandes.

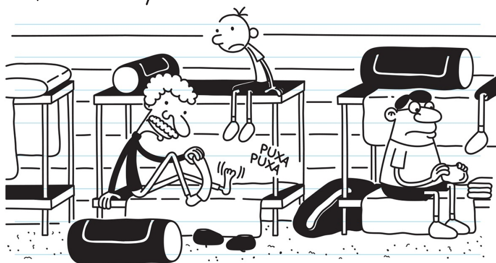


Pensei que os beliches iam ter roupas de cama, mas isso era esperar demais de um lugar como aquele.

A coisa mais próxima de um travesseiro era minha blusa, que aliás estava com o cheiro do sanduíche do Rodrick.

Foi difícil encontrar um colchão sem alguma mancha esquisita. Escolhi uma cama de cima pra não correr o risco de dormir debaixo do Julian e descobrir da pior maneira que ele ainda faz xixi na cama.

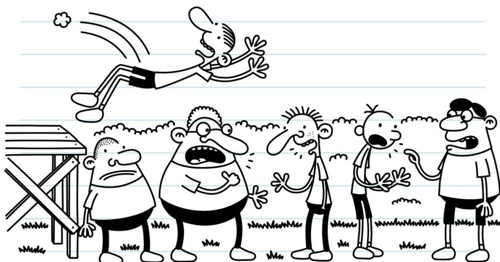
Infelizmente, quem pegou a cama DE BAIXO foi o sr. Jefferson, ou seja, eu ia dividir o beliche com o pai do Rowley.



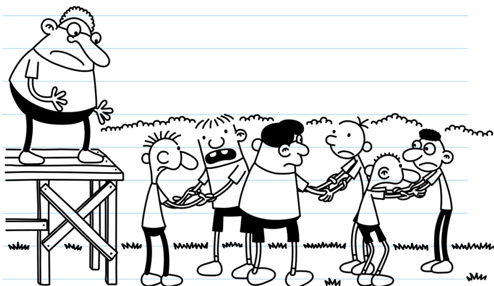
Depois de ajeitar nossas coisas no chalé, fomos até a área de atividades fazer umas "dinâmicas de grupo".

A primeira delas foi um "exercício de confiança", em que alguém se jogava de costas e os outros precisavam segurar. Acho que a ideia era mostrar que, num grupo, temos que cuidar uns dos outros.

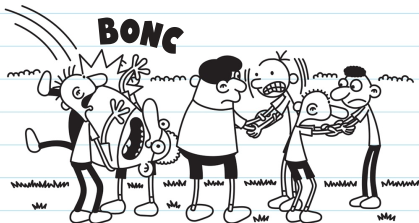
Mas, quando o Jordan Lankey se jogou, a gente ainda estava se organizando.



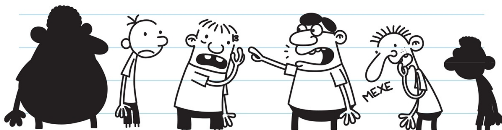
O sr. Jefferson ensinou um jeito de criar uma "rede de segurança": formamos duas filas, uma de frente pra outra, segurando nos braços uns dos outros. Então, quando Jeffrey Swanson subiu na plataforma, a gente supôs estar superpreparado praquela queda.



Mas Jeffrey é meio grandinho. O peso dele fez as pernas do Rowley e do Gareth Grimes cederem e eles deram uma baita trombada um no outro.

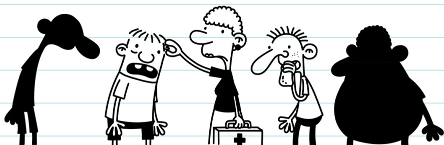


O Gareth perdeu um dente da frente, então todo mundo se agachou e começou a procurar pelo chão. Daí o Emilio Mendoza encontrou o dente na TESTA do Rowley.



O sr. Jefferson mandou o Emilio ir correndo atrás da enfermeira, que trouxe pro Gareth um pano molhado pra estancar o sangramento.

Só que o dente estava tão encravado na testa do Rowley que ela não conseguiu tirar.

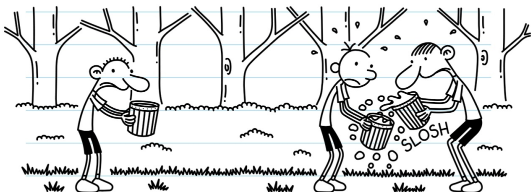


O sr. Jefferson ligou pra esposa vir buscar o Rowley e levá-lo para cuidar do ferimento. Só não sei se ela acabou levando ele no médico ou no dentista, porque não faço ideia do que seria melhor numa situação dessa.

Por isso, o sr. Jefferson acabou como monitor de um bando de moleques e nenhum deles era seu FILHO. Ele tentou um monte de exercícios pra nos ensinar a trabalhar em equipe, mas isso só mostrou o quanto a gente era PÉSSIMO nisso.

Fizemos uma atividade chamada "brigada do balde", em que formamos uma fila pra passar água de mão em mão do rio até nosso chalé.

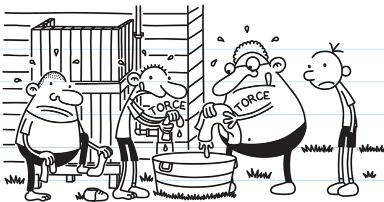
O primeiro sujeito enchia o balde, depois despejava a água no balde do seguinte e assim por diante.



Mas derrubamos tanta água ao longo do caminho que, lá no chalé, não chegou quase nada pra pôr na tina de metal que a gente precisava encher.

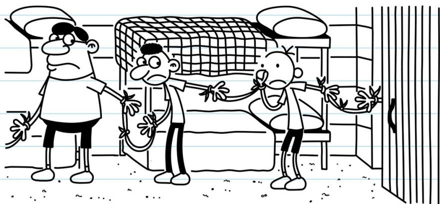


Percebemos que, se a gente quisesse terminar aquela atividade, era melhor arrumar outro jeito de encher a tina. Então, torcemos nossas camisetas suadas.



Depois, teve um exercício em que a gente percorria obstáculos com os pulsos amarrados uns nos outros. Mas, em termos de aptidão física, nosso grupo era um desastre.

Quando o percurso de cordas acabou, continuamos com as amarras, pois os nós estavam fortes demais e não conseguimos desatar. ISSO não foi nada bom, já que o Timothy Ames precisou usar o banheiro.



No fim do dia, estávamos morrendo de cansaço e quase nem acreditei quando o sr. Jefferson anunciou o nosso jantar.

Tinha hambúrguer de frango, espiga de milho e ensopado. Claro que eu não quis nem saber do ensopado. Fiquei orgulhoso dessa decisão quando vi o Jordan tirar um pastel inteiro de dentro da tigela. VAI SABER de quando era aquilo.



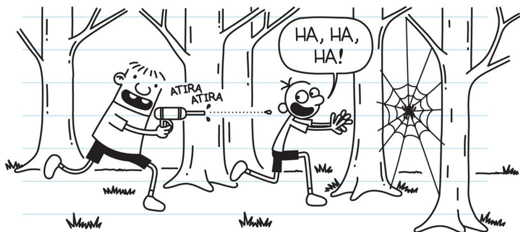
Depois voltamos ao chalé. O sr. Jefferson falou que, como havíamos andado no mato, era melhor verificar se ninguém estava com carrapatos. Cada um era responsável por olhar aquele com quem dividia o beliche, então eu ia ter que examinar o sr. Jefferson.

Mas o sr. Jefferson tem um cabelão e eu não ia ficar fuçando na cabeça dele. Eu podia encontrar uma COLÔNIA de carrapatos vivendo ali.



Todo mundo vive dizendo que o contato com a natureza é ótimo, mas nela tem UM MONTE de bichinhos nojentos pra gente se preocupar.

Eu brincava BASTANTE no mato até o dia em que engoli uma aranha viva.



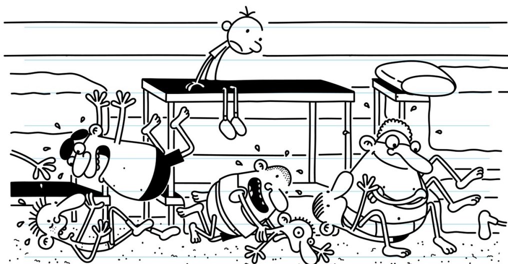
Mas, num lugar como a Fazenda Mãos à Obra, tem tanto inseto do lado de DENTRO dos chalés quanto do lado de FORA. Algum tipo de besouro entrou na orelha de um moleque no jantar e ele precisou ir até a enfermaria pra tirar.



Jordan encontrou um carrapato na nuca do Julian e todos surtaram. Mas o sr. Jefferson falou que o Julian ia ficar bem e o levou para a enfermaria.

Quando o sr. Jefferson e o Julian saíram, o resto dos garotos PIROU.

Fiquei na minha e deixei eles se matando. Não queria ser mais uma pessoa do meu grupo a precisar da enfermaria logo no primeiro dia.



Quando o sr. Jefferson voltou, o chalé estava um caos e os meninos estavam IMUNDOS.

Parece que ninguém limpava o chão naquele lugar. Quando eles levantaram, estavam cobertos de cabelos e poeira.



Como castigo por destruir o chalé, o sr. Jefferson mandou todos pra cama MAIS CEDO. Inclusive eu recebi a punição, apesar de não ter feito NADA. E foi assim que, já no primeiro dia, acabamos na cama enquanto lá fora ainda tinha luz do sol.

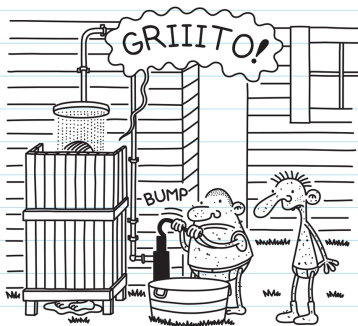
Terça-feira

O sr. Jefferson acordou todo mundo ao amanhecer, dizendo que a gente precisava tomar banho antes do café da manhã.

Foi quando me dei conta de que, na verdade, não existia chuveiro no nosso banheiro. O chuveiro ficava do lado DE FORA do chalé e a água era a da tina de metal que enchemos na "brigada do balde", no dia anterior.

Acho que fui o único a lembrar O QUE tinha dentro daquela tina, porque todo mundo entrou na fila do banho.

Além de NOJENTA, pelo jeito a água estava GELADA também.



Mas pra isso eu estava PREPARADO. De jeito nenhum eu ia tomar banho naquele chuveiro e mesmo assim podia me manter LIMPO.



O café da manhã não foi muito melhor que as outras refeições, mas pelo menos não serviram aquele ENSOPADO. Só que as panquecas eram duras como PEDRAS e podiam até quebrar os dentes na hora da mordida.



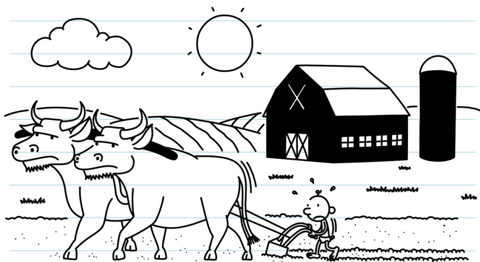
Emilio guardou uma panqueca no bolso pra mandar pelo correio pra mãe dele. Ele queria mostrar o horror que era a comida do acampamento.

Depois de limparmos a bagunça do café da manhã, a sra. Graziano falou qual seria a programação do dia.

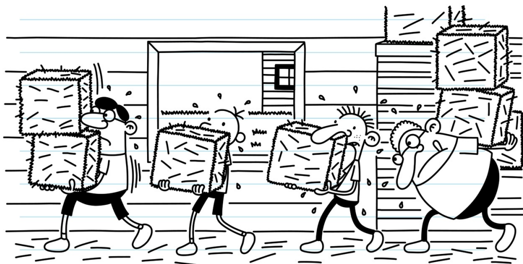
Ela disse que a gente ia fazer o mesmo tipo de tarefas passadas para as crianças que viviam em fazendas como esta muito tempo atrás.

A sra. Graziano contou que, antigamente, as crianças trabalhavam do nascer do sol até o início da noite. E todas elas começavam a trabalhar assim que tivessem idade pra ajudar a família.

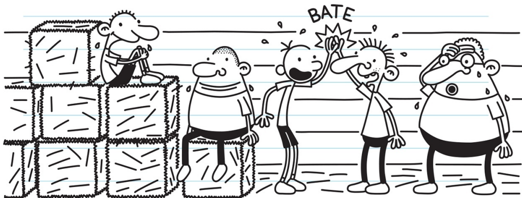
MAIS UMA razão pra eu ficar feliz por não ter nascido naquela época.



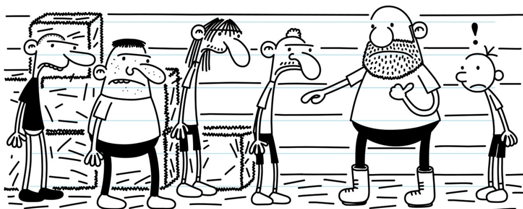
Meu grupo começou pelo celeiro. A gente precisava levar pilhas de feno de uma baia para outra. Era um trabalho duro DE VERDADE e tenho muito respeito pela molecada que fazia isso todo o santo dia.



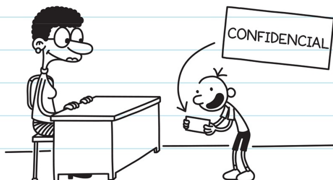
Quando ACABOU, ficamos com uma sensação incrível de missão cumprida.



Mas, quando estávamos indo pro posto de trabalho seguinte, o grupo do sr. Nuzzi entrou no celeiro. Ele pediu para o grupo dele levar as pilhas de feno pro outro lado, onde elas já estavam DESDE O COMEÇO. Então, nem me pergunta por que tivemos aquele trabalho todo.

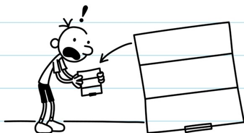


Isso NÃO É coisa que se faça com uma criança. Quando eu estava no primeiro ano, a professora falou que iria me passar uma "missão secreta" e me deu um bilhete pra entregar à professora de outra sala.



E, todos os dias seguintes, a professora me dava um NOVO bilhete pra entregar.

Bom, um dia fiquei curioso pra saber o que estava ESCRITO naqueles bilhetes e abri um deles. Mas o papel estava EM BRANCO.



No fim das contas, a explicação foi que a mamãe tinha falado pra professora que estava preocupada com a minha "autoestima", então toda aquela história de missão secreta era só um jeito de fazer com que eu me sentisse IMPORTANTE. Se alguém quer saber por que acho difícil levar qualquer tarefa a sério, foi aí que tudo começou.

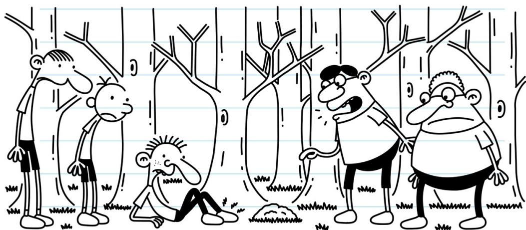
Nosso grupo passou o resto da manhã percorrendo outros postos de trabalho. Pintamos uma cerca, consertamos uma parede de pedra e empilhamos lenha do lado de fora do alojamento principal.

Só digo uma coisa: quando crescer vou COMPRAR uma fazenda e transformar o lugar num acampamento. Porque, de verdade, pôr uma molecada pra trabalhar de graça e ainda chamar isso de experiência educativa é GENIAL.

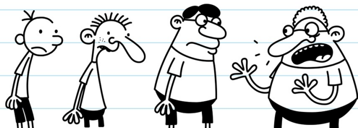
Depois do almoço, quando voltávamos pro chalé, o Gareth tropeçou numa pedra meio grande.

Quando o Emilio viu aquilo, ficou todo preocupado.

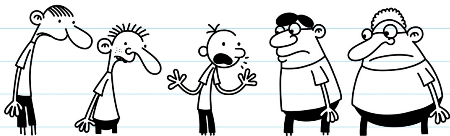
A pedra tinha umas marcas de arranhões, daí ele falou que a única pessoa que poderia ter feito uma coisa como AQUELA era o Silas Unhagrande.



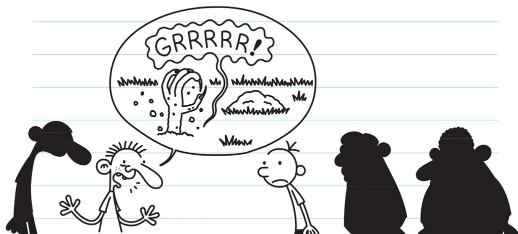
O Jeffrey falou que aquela era a LÁPIDE do Silas Unhagrande e que estávamos AMALDIÇOADOS por perturbar seu descanso eterno.



Tentei ser racional. Falei que, pra começo de conversa, se o Silas Unhagrande estivesse MORTO, era uma boa notícia pra todos. Em segundo lugar, aquela NÃO podia ser a lápide do Silas Unhagrande, porque ele não ia ter como enterrar a SI MESMO.



Eu jamais deveria ter dito aquilo, porque todo mundo ficou ainda MAIS assustado. De uma hora pra outra, o Silas Unhagrande passou a ser tipo um ZUMBI que não tinha como ser morto.



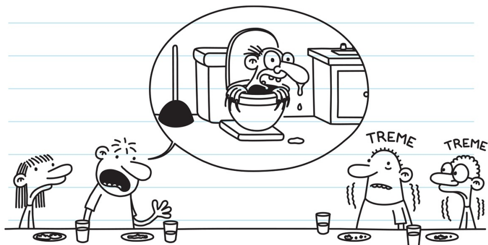
Na hora do jantar, só se falava no "túmulo" do Silas Unhagrande.

Alguém falou que tinha visto o Silas Unhagrande no meio do mato. E outra pessoa o viu do outro lado do acampamento no MESMO momento.



Aí o Albert Sandy começou a falar pra todo mundo que ELE tinha ouvido dizer que o Silas Unhagrande usava uma rede de túneis subterrâneos por baixo dos chalés, por isso conseguia se locomover tão depressa.

Então, graças ao Albert Sandy, agora está todo mundo com medo de usar o banheiro do acampamento.

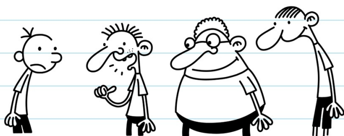


Tinha gente falando em SEGURAR até a volta. Não parecia uma ideia muito inteligente, principalmente porque aquele era só o SEGUNDO dia.

Quarta-feira

Hoje, depois de terminar as tarefas do dia na fazenda, tivemos um tempo livre pra fazer o que quiséssemos. Decidi simplesmente tirar uma soneca, mas alguns dos meus colegas de chalé tinham outros planos.

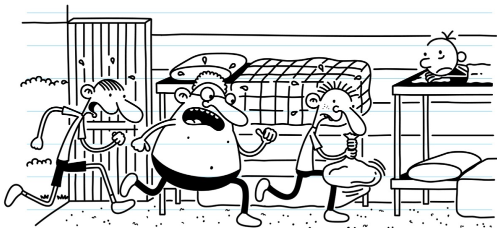
Gareth, Jeffrey e Jordan disseram que estavam cansados de comer ENSOPADO no jantar, então eles iam até o rio pegar um PEIXE.



Aquela era a ideia mais idiota que já tinha ouvido na vida, PRINCIPALMENTE porque eles não tinham vara de pescar nem nada do tipo.

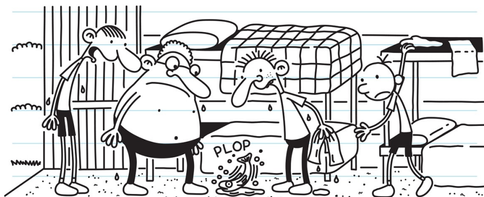
Mas eles estavam falando bem sério. Assim que saíram, eu voltei pro chalé e deitei na cama.

Demorei um bom tempo pra pegar no sono e, quando finalmente comecei a cochilar, meus colegas de chalé chegaram correndo porta adentro com um saco na mão.



Acredite se quiser: aqueles tontos pegaram mesmo um peixe. Eles conseguiram tirar o peixe do rio usando a camiseta do Jeffrey como REDE.

E, depois que conseguiram, eles não sabiam o que FAZER com o bicho. Mas ficou bem claro que ninguém estava a fim de COMER o peixe.



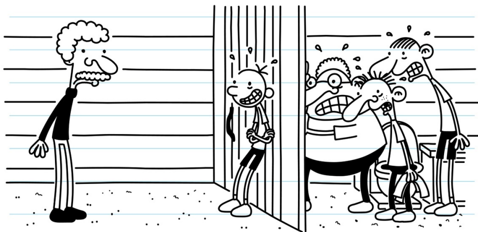
Falei pros caras que, se eles não pusessem aquele peixe na água logo, ele não ia SOBREVIVER.

Gareth pegou o peixe pelo rabo, levou até o banheiro e o jogou dentro da PRIVADA. Em seguida, o Jordan derramou toda a água de seu cantil no vaso, assim o bicho teria um pouco mais de água pra nadar.



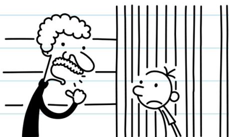
Parecia que o peixe ia SOBREVIVER, então decidi ir buscar um balde pra levar o bicho de volta e soltar no rio.

Mas, quando estava prestes a SAIR, o sr. Jefferson entrou no chalé. Os outros caras fecharam a porta do banheiro num baque, enquanto eu fiz o meu melhor pra fingir que estava tudo bem.



Meu palpite era que o sr. Jefferson não ia gostar muito de ver um peixe na privada. E eu não queria ser mandado pra cama mais cedo pela segunda vez na viagem.

O sr. Jefferson me perguntou onde estavam os OUTROS e respondi que deviam estar perto do rio. Ele pediu para, se eu visse alguém, avisar que estavam chamando todo mundo no alojamento principal.



Quando o sr. Jefferson saiu, baixamos a tampa da privada para o peixe não escapar e fomos até o alojamento principal, onde estava o restante do pessoal.

A sra. Graziano estava fazendo as entregas para aqueles que haviam recebido alguma coisa de casa. A mamãe me mandou uma carta e devo admitir que fiquei até meio emocionado quando li.

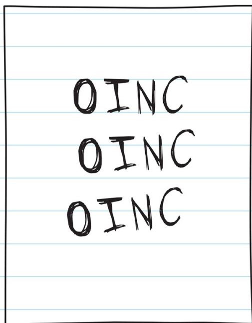
Querido Gregory,
Estamos morrendo de saudade! Está todo mundo ansioso pela sua volta. Espero que você esteja se divertindo muito!
Beijos e abraços,
Mamãe

Também recebi uma carta do Rodrick, mas a DELE não foi legal como a da mamãe.

Caro Greg,
Encontrei seus chocolates. Aqui estão as embalagens, para você sentir o cheirinho.
Ha, ha, ha.



Não recebi nada do papai, mas o PORCO me mandou uma CARTA. Só espero que isso tenha sido uma piada de alguém da família porque, se aquela coisa aprendeu a escrever, já nem sei mais o que dizer.



Julian também recebeu uma carta. Só que a mãe dele cometeu o GRANDE ERRO de mandar uma foto junto.

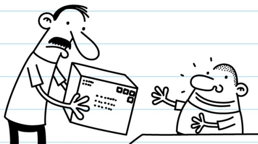


Julian não era o ÚNICO a demonstrar saudade de casa. Alguns alunos não receberam nada e pediram aos que RECEBERAM alguma carta que a lessem em voz alta.



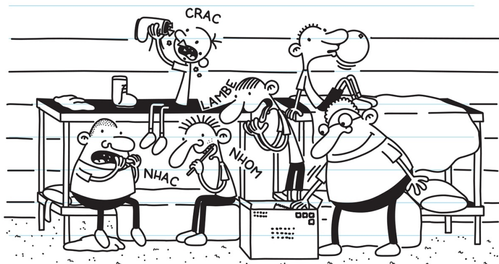
Teve um pessoal que até recebeu pacotes com roupas limpas e coisas do tipo.

Mas quem se deu bem mesmo no nosso grupo foi Graham Bertran, que recebeu uma caixa ENORME com uma tonelada de suprimentos.



Quando voltamos ao chalé, descobrimos que o Graham tinha mandado a caixa para si mesmo ANTES da viagem. Ele escondeu nela TODO TIPO de guloseimas junto com as coisas pro acampamento.

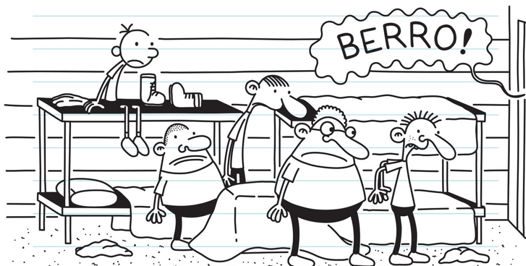
Por sorte, ele tava a fim de DIVIDIR. Nunca pensei que comeria salgadinhos numa bota, mas a essa altura eu já tinha desistido da minha dignidade.



Emilio olhou pela janela e viu que o sr. Jefferson estava voltando pro chalé, então escondemos todas as coisas do Graham debaixo de um cobertor.

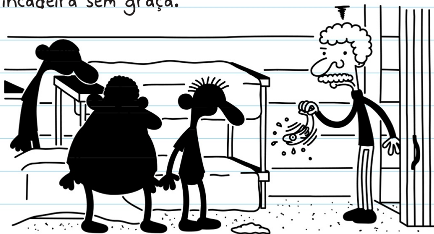
Quando o sr. Jefferson entrou no chalé, passou por nós e nem notou nada.

Infelizmente, estávamos tão concentrados nas guloseimas que esquecemos do PEIXE.



Fiquei meio mal pelo sr. Jefferson, mas aquilo foi um bom lembrete para que eu SEMPRE dê uma olhadinha dentro da privada antes de sentar.

Ele ficou furioso e pensou que fosse algum tipo de brincadeira sem graça.



Obviamente, o sr. Jefferson pensou que eu tinha tido aquela ideia.

Então, à noite, enquanto o resto do grupo comia marshmallows e cantava músicas de acampamento com a sra. Graziano, fiquei preso no chalé com um monitor fulo da vida.



Quinta-feira

A maioria do pessoal no acampamento estava numa boa até ontem. Daí, depois das cartas da família, parece que todo mundo ficou ABALADO.

Tem um monte de gente com saudade de casa, pedindo pra ir embora mais cedo. Mas os monitores disseram que a única justificativa pra isso seriam motivos MÉDICOS.

Bom, acho que eles não deveriam ter dado essa brecha, porque agora a molecada está tentando ficar doente DE PROPÓSITO.

Melinda Henson estava toda esquisita no almoço. Ela repetiu duas vezes o ensopado pra passar mal, o que pareceu uma coisa meio radical demais pra MIM.



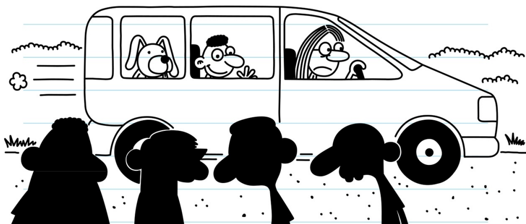
Só que, depois de passar algumas horas na enfermaria com indigestão, Melinda foi mandada de volta pro grupo dela.

Julian conseguiu ir ALÉM. O sr. Jefferson o encontrou no chalé se debatendo de dor com a mão na barriga do lado de um desodorante stick comido pela metade.

Esse foi o fim da linha pro Julian.



Algumas horas depois, a mãe do Julian apareceu pra buscá-lo. Quando foi embora, ele já parecia totalmente recuperado.



Um monte de gente começou a comentar que o Julian teve uma ideia e tanto, e os monitores notaram a movimentação.

De uma hora pra outra, eles recolheram os desodorantes de todo mundo, pra ninguém mais seguir pelo mesmo caminho do Julian.



Essa foi uma péssima notícia pro NOSSO chalé. E, com toalhas molhadas e roupas sujas por toda parte, além de gente tomando banho com água de suor, o lugar já estava com cheiro de JAULA de zoológico.



O desodorante devia ser a única coisa impedindo o ar do nosso quarto de alcançar o nível tóxico.

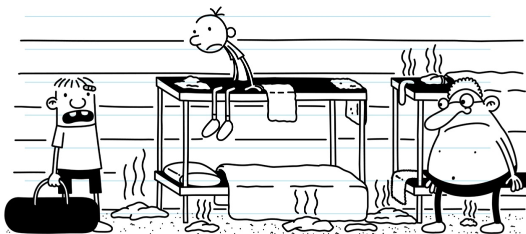
E ficar DOENTE significava ir pra casa mais cedo.

Isso podia ser ÓTIMO pra todo mundo, mas não pra MIM. Porque, quanto antes chegasse em casa, mais cedo precisaria encarar o PAPAI.

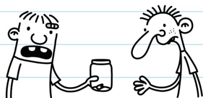
Sábado

Sendo bem sincero, tinha esquecido do Rowley até ele voltar pro acampamento ontem de manhã.

E, quando deu uma olhada no estado do nosso chalé, aposto que se arrependeu de não ter ficado em casa.



No fim das contas, a ferida do Rowley infeccionou por causa do dente do Gareth, por isso ele demorou tanto pra voltar. O Rowley trouxe o dente JUNTO, mas a essa altura não sei muito bem o que o Gareth poderia fazer com AQUILO.



A volta do Rowley foi num momento meio esquisito. A gente estava se preparando pra última noite da excursão, quando todo mundo ia dormir AO AR LIVRE.

Eu estava meio ansioso, porque era a ÚNICA noite longe do nosso chalé fedorento.

Só não sabia se o nosso grupo era capaz de SOBREVIVER a uma noite na natureza selvagem.

A gente precisava CONSTRUIR um abrigo e ACENDER uma fogueira amanhã à noite. E eu não tenho IDEIA de como fazer isso.

O sr. Jefferson estava tentando ensinar o be-a-bá da sobrevivência na selva, só que estava tão PERDIDO quanto o resto de nós.

Ontem, ele estava mostrando como fazer uma fogueira. Daí, ele violou a proibição aos eletrônicos e consultou as instruções no celular. Só que alguns membros do grupo começaram a ver uns vídeos de cabritos berrando, e a bateria logo acabou.

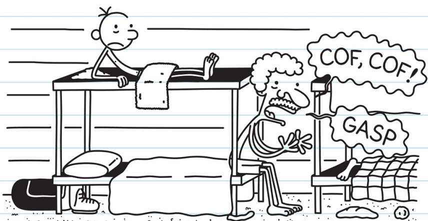


Acho que o sr. Jefferson conseguiu aprender um POUQUINHO antes de acabar a bateria, porque conseguiu acender a fogueira e pediu pra gente ir buscar lenha. Mas ninguém sabia exatamente o que era LENHA, então pegamos tudo o que parecia pegar fogo.

O Rowley voltou com um punhado de um negócio que parecia ERVA DANINHA e tacou no fogo, mas aquele mato apagou a labareda.



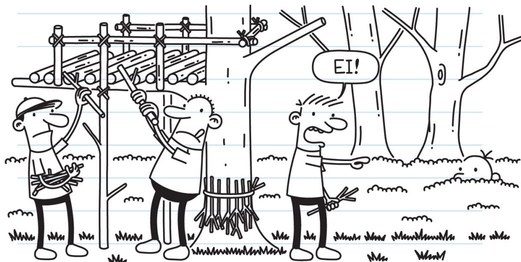
No fim, o que o Rowley tinha encontrado era URTIGA e hoje de manhã ele acordou coberto de manchas. O sr. Jefferson deve ter inalado a fumaça da urtiga e a coisa afetou seus PULMÕES, porque ele não estava conseguindo respirar direito.



A enfermeira ligou pra sra. Jefferson vir buscar os dois. E suspeito que dessa vez eles NÃO voltam.

Com isso, meu grupo era o único sem monitor. Parece que a sra. Graziano está tentando encontrar um substituto, mas nenhum pai vai querer abrir mão de um fim de semana pra ficar com a gente.

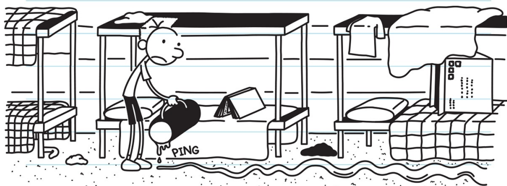
Isso aconteceu na pior hora possível, porque a previsão do tempo pra amanhã à noite é de chuva e a gente nem COMEÇOU a construir o abrigo. Tentei espionar outro grupo, que tinha um monte de escoteiros, mas aquele pessoal não estava nem um pouco a fim de compartilhar conhecimento.



Enquanto a gente tentava montar o acampamento lá fora, um grupo invadiu nosso chalé. Eles devem ter ouvido falar das guloseimas, porque o estoque todo foi pro espaço.

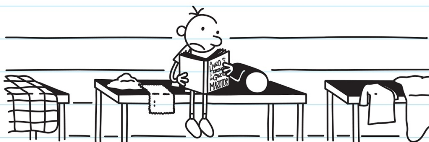
Os ladrões também fuçaram na MINHA bolsa, encontraram os lencinhos umedecidos e foram usar no nosso banheiro. Eles devem ter jogado os lencinhos usados na privada, porque ela ficou ENTUPIDA.

A pior parte foi que a privada transbordou e a água foi do chão do banheiro até as minhas coisas.

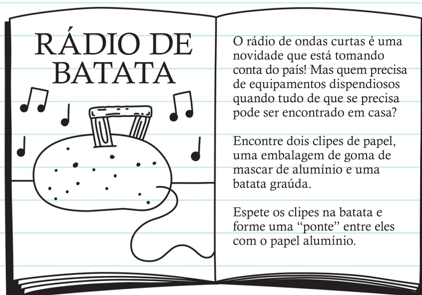


Tudo o que eu trouxe ficou molhado, menos o livro do vovô, que os ladrões deixaram jogado em cima de uma cama.

Fiquei ENFURECIDO. Mas aí, quando comecei a folhear o livro, percebi que os saqueadores do chalé na verdade fizeram um FAVORZÃO pra gente.



O livro tinha uma porção de coisa inútil, como um capítulo inteiro sobre como fazer um rádio com coisas encontradas em casa.



RÁDIO DE BATATA

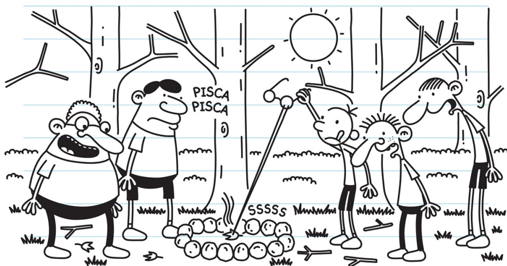
O rádio de ondas curtas é uma novidade que está tomando conta do país! Mas quem precisa de equipamentos dispendiosos quando tudo de que se precisa pode ser encontrado em casa?

Encontre dois clipes de papel, uma embalagem de goma de mascar de alumínio e uma batata graúda.

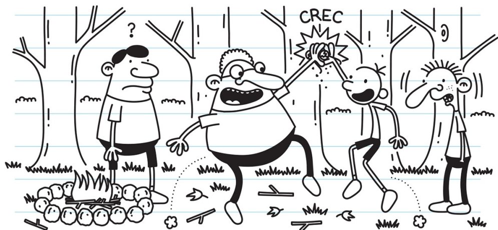
Espete os clipes na batata e forme uma “ponte” entre eles com o papel alumínio.

Mas havia coisas ÚTEIS ali também. Como um capítulo que ensinava a identificar plantas venenosas, o que poderia ter sido ótimo saber ontem. Também tinha capítulos sobre OUTRAS atividades ao ar livre. Por exemplo, como fazer uma fogueira sem precisar de fósforos, o que era excelente, porque o sr. Jefferson tinha usado todos os nossos palitos.

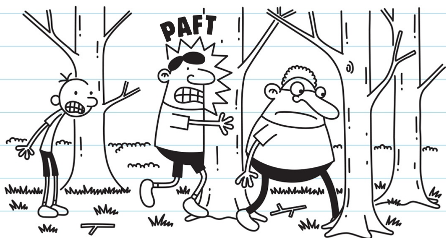
Eu mal podia esperar pra testar alguns truques e ver se FUNCIONAVAM. Levei o grupo até o nosso local de acampamento, peguei os óculos do Emilio e usei as lentes para concentrar os raios de sol em algumas folhas secas, como ensinado no livro. Realmente, as folhas fumegaram até pegarem fogo.



Todo mundo ficou empolgado por conseguirmos acender o fogo sem a ajuda de um adulto, mas acabamos exagerando nos cumprimentos e os óculos do Emilio foram destruídos na comemoração.



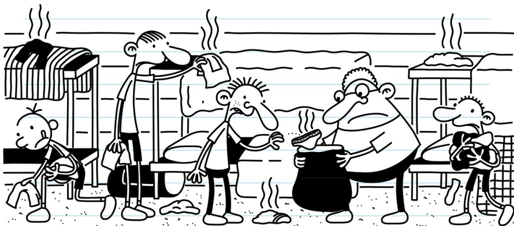
Tudo indica que o Emilio não enxerga um palmo diante do nariz sem os óculos, então o restante da viagem vai ser um tremendo desafio pra ele.



Por sorte, o Jeffrey também usa óculos, então vai dar pra fazer outra fogueira amanhã.

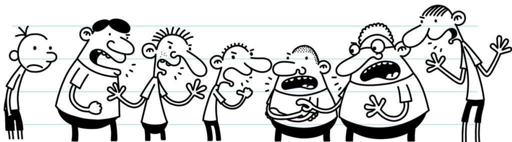
Quando voltamos pro chalé depois do jantar, abrimos os olhos pra dura realidade. O transbordamento da privada deixou o cheiro do ar ainda pior e a coisa estava TOTALMENTE insuportável.

Limpamos o chão com nossas roupas sujas e jogamos tudo nuns sacos de lixo. MESMO ASSIM, não adiantou.



O PIOR cheiro mesmo parecia ser o NOSSO. E o único jeito de resolver o PROBLEMA era com desodorante.

Jordan defendeu ser uma boa ideia invadir o chalé de um grupo de meninas e roubar o desodorante DELAS, mas aí começou um grande debate pra decidir se as meninas USAVAM ou não desodorante.



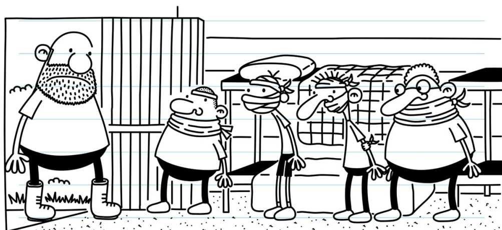
No fim, ficou todo mundo empolgadíssimo com a ideia de participar de uma INVASÃO.

O MAIS empolgado era o Emilio. Mas aí a gente falou que ia ser perigoso se ele fosse junto, porque não estava enxergando NADA.

Emilio falou que a gente ia PRECISAR dele por causa de seu olfato poderoso, já que era capaz de farejar o caminho até o chalé das meninas. Não dava pra saber se o Emilio estava blefando, então fizemos um teste cego pra ver se ele conseguia identificar um monte de coisas diferentes. Realmente, ele acertou todas elas.



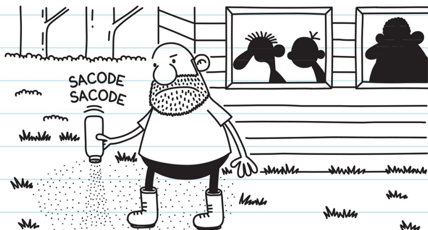
Com isso, Emilio estava dentro. Começamos a nos preparar, mas bem na hora de sair apareceu o sr. Nuzzi.



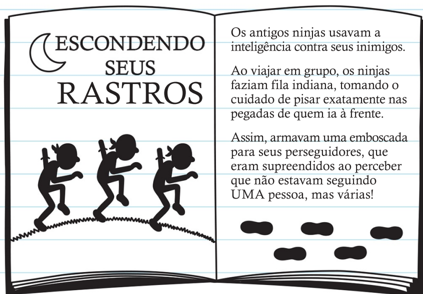
Parece que ficou bem claro pro sr. Nuzzi que nossas intenções não eram das melhores, porque ele avisou que, se tentássemos sair do chalé, a coisa ficaria FEIA. Além disso, ele contou ter ouvido dizer que o Silas Unhagrande estava à solta naquela noite.

Daí o sr. Nuzzi foi embora, mas alguns minutos depois voltou com um pote de talco de bebê.

Ele fez um círculo de talco ao redor do nosso chalé. Se alguém saísse, as PEGADAS nos denunciariam.



Todos começaram a entrar em pânico, porque parecia que a gente estava preso no chalé pelo resto da noite. Mas aí eu me lembrei de um capítulo do LIVRO que podia nos ajudar.



ESCONDENDO SEUS RASTROS

Os antigos ninjas usavam a inteligência contra seus inimigos.

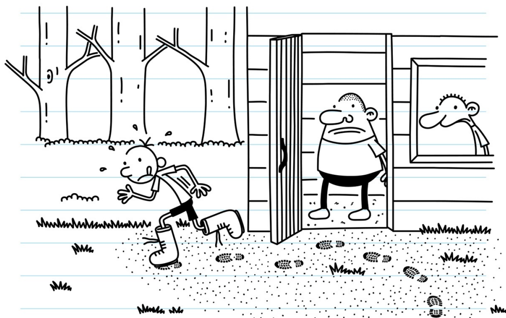
Ao viajar em grupo, os ninjas faziam fila indiana, tomando o cuidado de pisar exatamente nas pegadas de quem ia à frente.

Assim, armavam uma emboscada para seus perseguidores, que eram supreendidos ao perceber que não estavam seguindo UMA pessoa, mas várias!

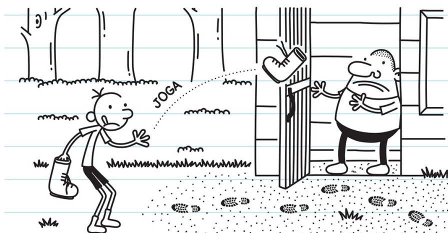
O sr. Nuzzi já tinha deixado as pegadas DELE no talco enquanto espalhava o pó pelos arredores. Então, só precisávamos pisar bem em cima daquelas marcas, assim ele nunca ia saber da nossa escapadela.

O único problema era que as pegadas do sr. Nuzzi eram muito maiores que as nossas. Acontece que o sr. Jefferson tinha deixado as botas dele debaixo da cama e elas pareciam iguaizinhas às do sr. Nuzzi.

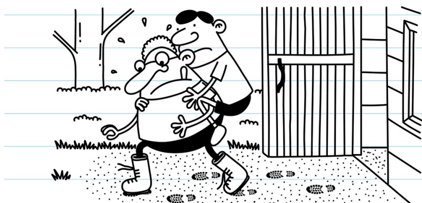
Eu saí primeiro. Foi meio difícil pisar exatamente nas pegadas do sr. Nuzzi, mas consegui atravessar a barreira de talco.



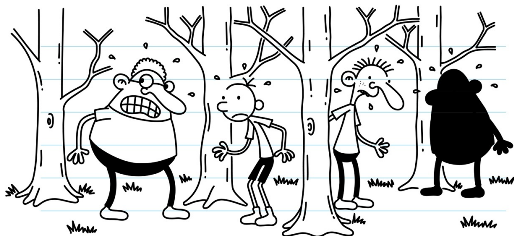
Em seguida, joguei as botas pro PRÓXIMO.



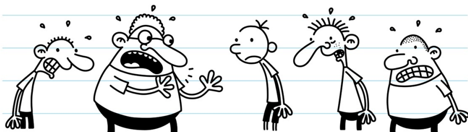
Todo mundo saiu do chalé usando esse truque. Até o Emilio, que foi de cavalinho com o Jeffrey.



Depois que todo mundo saiu, adentramos a mata na direção do chalé das meninas. Mas, quando nos demos conta, estávamos perdidos. Foi um tanto assustador, porque ninguém sabia mais onde ficava o NOSSO chalé.



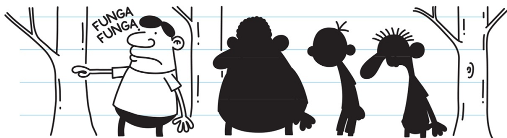
Então, o Jeffrey tornou tudo mil vezes PIOR, porque lembrou do Silas Unhagrande. Ele falou que o Silas Unhagrande devia estar monitorando cada movimento naquela mata e que ia capturar e devorar a gente vivo.



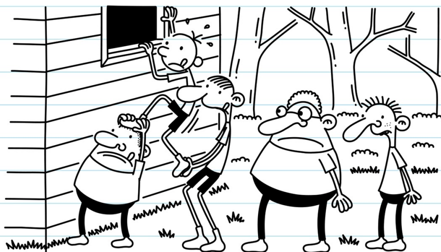
Isso deixou a galera alvoroçada e pensei que fosse acabar fugindo cada um pra um lado.

Mas aí o Emilio salvou nossa pele ao detectar um perfume no ar.

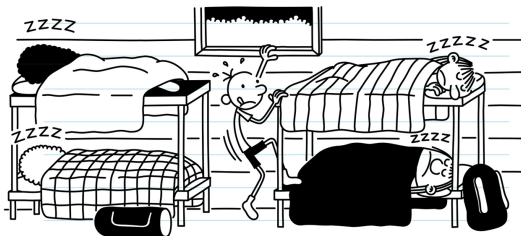
Ele disse que conseguia farejar o chalé das meninas e que não estava muito longe.



Realmente, um dos chalés ficava a uns 15 metros dali. Fomos andando até lá fazendo o mínimo de ruído possível e usamos todo o nosso espírito de equipe pra subir numa janela aberta.

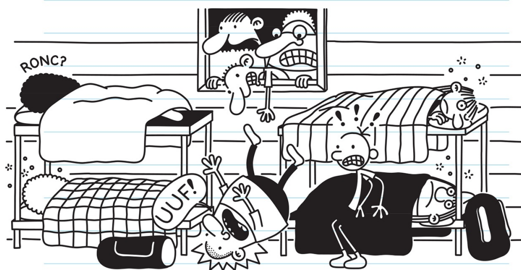


Parecia que lá dentro estava todo mundo dormindo. Desci pela janela e pisei no chão sem fazer nem um barulhinho.



Só que aí, quando olhei ao redor, vi que estava num chalé cheio de BANDEIRANTES.

Decidi abortar aquela missão de conseguir um desodorante, mas já era tarde demais.



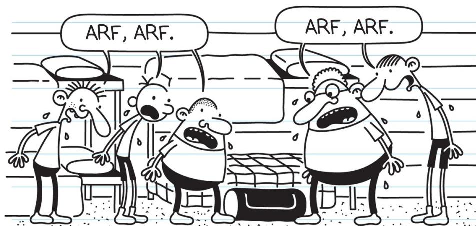
Depois DISSO, nem sei direito o que aconteceu. Lembro de ouvir as meninas gritando e de mãos me segurando pelos tornozelos e dos meus colegas de chalé se atropelando pra abrir a porta.

E daí foi uma corrida desesperada pela mata.



Nem me pergunte COMO, mas conseguimos encontrar o caminho de volta pro chalé. Infelizmente, esquecemos do talco no chão e pisoteamos tudo. Mas, a essa altura, essa era a ÚLTIMA das nossas preocupações.

Pensei que a missão tinha sido um fracasso total, mas não voltamos de mãos vazias. Graham surrupiou uma bolsa no chalé das meninas e trouxe com ele.



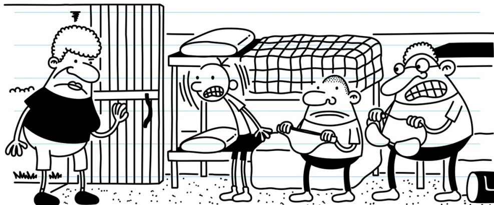
Eu não fiquei nada à vontade com a ideia de ROUBAR e falei que alguém devia levar a bolsa de volta pro chalé das meninas, antes que alguém sentisse falta.

Mas fui voto vencido, já que todos estavam morrendo de curiosidade pra ver o que tinha ali dentro.

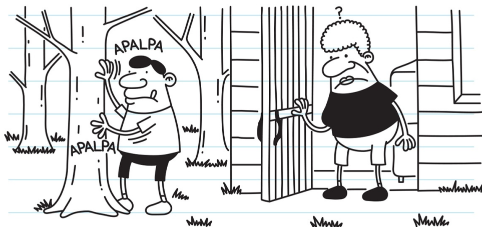


As roupas da bolsa não pareciam ser de alguém da NOSSA idade.

Só que, quando descobrimos de QUEM realmente era aquela bolsa, a dona já estava bem na nossa porta.



Achei que a sra. Graziano tivesse descoberto a gente por causa do talco, mas foi bem mais FÁCIL que isso. Quando abriu a porta de seu chalé, ela encontrou Emilio tateando no escuro. Mais um motivo para nunca deixar um membro do grupo pra trás.

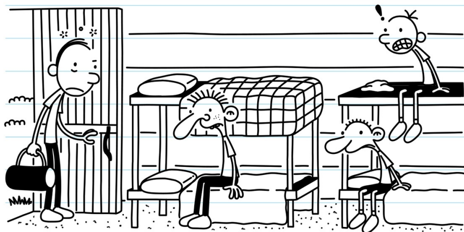


A sra. Graziano deu uma baita bronca por causa das nossas "palhaçadas imaturas". Falou que não dava pra deixar nosso chalé sem supervisão a noite toda, por isso ia providenciar um monitor de emergência.



Eu duvidava que alguém aceitasse pegar o carro e vir até aqui no MEIO DA NOITE, mas sabia que, quem quer que fosse, não ia estar NADA feliz com isso.

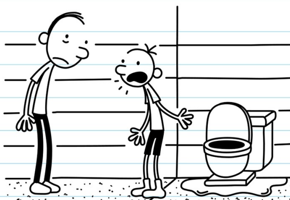
E eu tinha razão.



Domingo

Eu preferia ter sido mandado pra CASA em vez de ter o papai como monitor no último dia. Ele já estava bravo o SUFICIENTE comigo por causa do CARRO, agora tinha sido convocado para ser babá de um bando de moleques fedidos.

Também não foi nem um pouco divertido dar a ele a notícia de que nossa privada estava quebrada.



Achei que eu devia pelo menos mostrar pro papai como funcionavam as coisas no acampamento, mas ele parecia já estar por dentro de tudo. De alguma forma, ele sabia até do ENSOPADO porque, quando puseram comida no prato dele, imediatamente ela foi devolvida pra panela.

Primeiro pensei que o papai tinha sido monitor quando o RODRICK veio pra cá, mas, quando vi como um dos monitores cumprimentou o papai, me dei conta da verdade.



O papai tinha ido à Fazenda Mãos à Obra quando tinha a MINHA idade.

Não era À TOA que ele não estava nada contente. Se a experiência tinha sido de alguma forma parecida com a MINHA, aposto que jamais passou pela cabeça dele VOLTAR um dia pra cá.

Meus colegas de chalé e eu passamos o dia tentando arrumar nosso local de acampamento pra passar a noite. E o papai não estava nem aí.

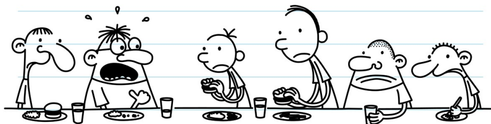
Na maior parte do tempo, ele estava em outro lugar fazendo sabe-se lá o quê. E, mesmo quando ESTAVA por perto, não movia uma palha.



Daí montamos o abrigo sem ele. Por sorte, o livro do vovô tinha um capítulo sobre coberturas impermeáveis, então não PRECISAMOS da ajuda do papai.

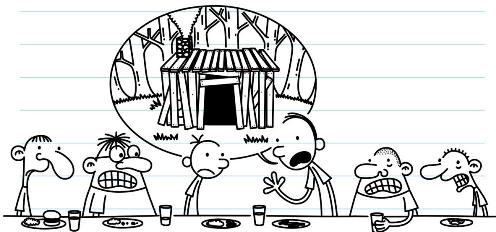


Na hora do jantar, um pessoal de outro grupo parecia bem abalado. Disseram que estavam buscando lenha quando encontraram uma cabana. E eles tinham 99% de certeza de que era do Silas Unhagrande.



Tive a esperança de que o papai dissesse que o Silas Unhagrande era só uma invenção pra impedir a molecada de sair à noite. Mas NÃO foi o que aconteceu.

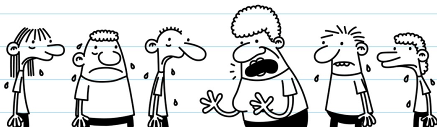
O papai contou que, quando ELE ficou na Fazenda Mãos à Obra, alguns alunos foram fuçar na cabana do Silas Unhagrande e NUNCA MAIS voltaram.



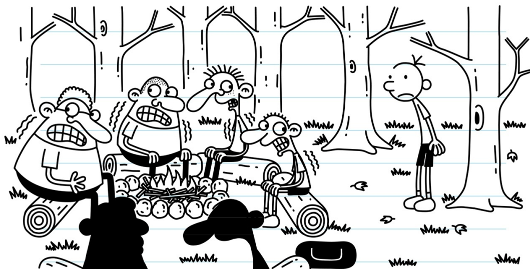
Aquela foi a PIOR coisa que o papai poderia ter dito bem na noite em que a gente ia dormir ao ar livre.

Depois do jantar, a sra. Graziano falou pra todo mundo pegar o que precisasse nos chalés e levar pros locais de acampamento.

Um monte de gente ficou implorando pra dormir NOS CHALÉS, mas a sra. Graziano falou que a última noite na Fazenda Mãos à Obra era sempre assim e que continuaria sendo.

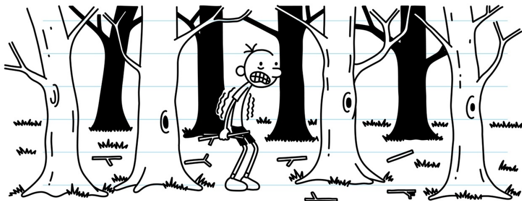


Já havíamos acendido a fogueira mais cedo e, quando fomos ao nosso local de acampamento, ela continuava queimando. Mas o fogo estava quase apagando e a gente precisava ir atrás de mais lenha. Só que, como já estava ESCURO, o pessoal do meu grupo ficou com medo de sair pela mata.

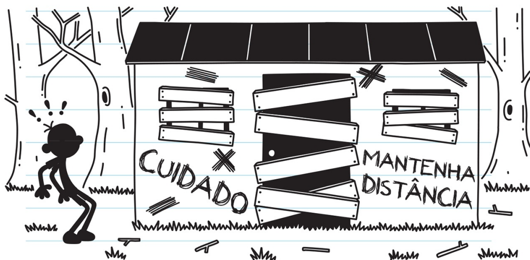


Eu teria pedido ajuda pro PAPAI, mas não fazia IDEIA de onde ele estava.

Daí fui procurar lenha sozinho. A área ao redor do nosso abrigo não tinha quase nenhum graveto, por isso precisei entrar mais na mata. Só que acabei me confundindo e não lembrava mais como chegar onde a gente estava acampando.



Estava prestes a entrar em pânico, mas aí vi uma luz e pensei que fosse a nossa fogueira. Fui andando naquela direção e, quando me aproximei, não acreditei que era dali que vinha a luz.



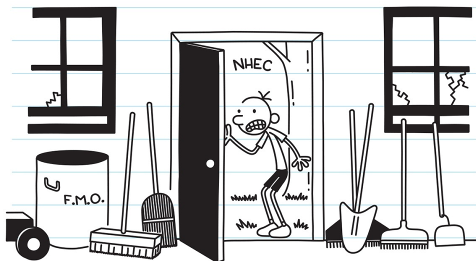
Devo admitir que, até aquele instante, não tinha acreditado naquela conversa de Silas Unhagrande. Mas, diante daquela cabana, pensei que fosse morrer de MEDO.

Só que alguma coisa naquela luz me chamou atenção. Parecia que uma fogueira estava acesa lá dentro, mas na verdade era uma LÂMPADA. Não fazia o menor sentido um lavrador maluco que se alimenta de larvas e frutas silvestres ter ELETRICIDADE em casa.

A porta da frente estava bloqueada com tábuas, então fui até os fundos, onde havia uma porta de metal destrancada.

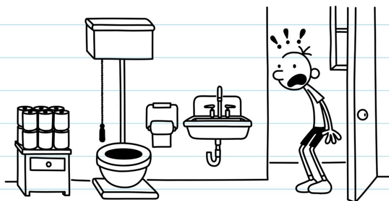
Eu prendi a respiração, empurrei a porta e entrei bem devagarzinho. Meu coração estava quase saindo pela boca, mas eu PRECISAVA entender aquilo.

Quando vi o que tinha lá dentro, percebi que não era cabana coisa NENHUMA. Aquilo parecia um barracão onde guardavam coisas para manutenção da Fazenda Mãos à Obra, com um monte de ferramentas que nem pareciam VELHAS.



Comecei a explorar o lugar. Quando passei por um corredor, encontrei uma coisa definitivamente IMPRESSIONANTE.

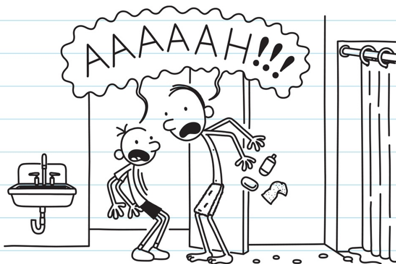
Era nada mais nada menos que um BANHEIRO, com privada, pia e TUDO. Tinha até um estoque de papel higiênico, e não era daqueles BARATINHOS, não.



Aquilo deu um nó na minha cabeça. Eu estava prestes a voltar correndo e contar tudo pros moleques, daí ouvi um barulho que me deu um frio na espinha.

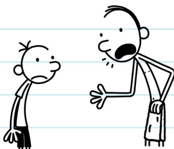
Era o som de alguém ASSOBIANDO e vinha bem de TRÁS de mim.

Me virei para correr e foi nessa hora que dei de cara com o PAPAI.

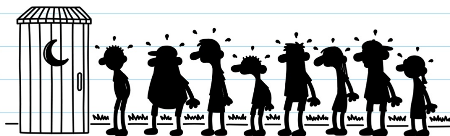


Fiquei sem palavras. Não entendi o que ele estava fazendo ali, tomando banho no barracão da manutenção, então ele começou a se explicar.

O papai contou que, na época em que ELE fez a excursão, a situação do banheiro era PIOR do que a de agora.

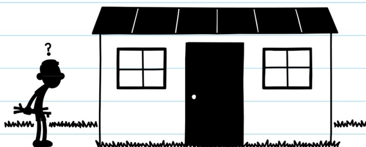


Tinha só uma privada pra todo mundo no acampamento.



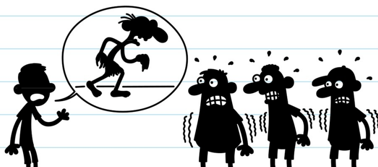
Chuveiro, nem pensar. Se a pessoa quisesse se lavar, tinha que pegar um sabonete e entrar no rio.

Então, um dia o papai estava recolhendo lenha para a fogueira e encontrou o barracão de manutenção do lugar.



Quando percebeu que ali tinha um banheiro com chuveiro, ele soube na hora que precisava guardar segredo ou TODO MUNDO ia descobrir.

Daí, pra despistar o resto da molecada, ele inventou essa história do Silas Unhagrande.



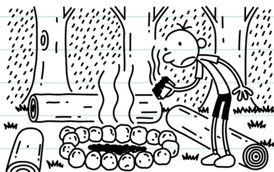
O papai contou que, quando chegou aqui ontem, ficou bem surpreso ao saber que essa conversa de Silas Unhagrande continuava depois de tantos anos. Mas ele decidiu não dizer nada, assim podia usar o banheiro sozinho.

Fiquei muito bravo com o papai por ter causado todo esse estresse. Mas sou obrigado a admitir que inventar uma história doida dessas pra proteger um banheiro secreto é EXATAMENTE o tipo de coisa que EU faria.

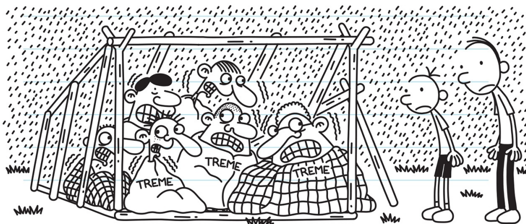
Percebi que já estava longe do meu grupo fazia um bom tempo e os moleques deviam achar que o Silas Unhagrande tinha me devorado.

Então pedi pro papai me ajudar a encontrar o caminho de volta.

Começou a chover e, quando chegamos lá, a fogueira estava totalmente APAGADA. Acho que meu grupo se desesperou e jogou no fogo qualquer coisa que queimasse, porque encontrei meu LIVRO lá. Ou, pelo menos, o que sobrou dele.



Meus colegas de chalé desmontaram a cobertura do abrigo para pôr na fogueira. E foi no que restou dele que os encontramos amontoados.



Eu não queria passar a noite na chuva e, por sorte, o papai TAMBÉM NÃO.

Acho que ele não estava muito preocupado com as regras do acampamento, porque mandou todo mundo voltar pro chalé. Lá dentro podia estar fedendo horrores, mas aquela foi a melhor noite de sono da minha vida.

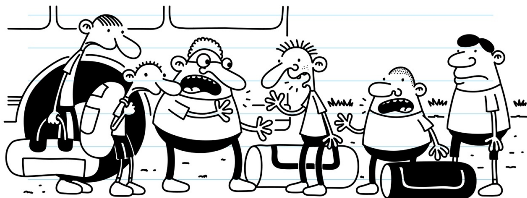


Segunda-feira

Hoje de manhã arrumamos nossas coisas e levamos tudo pro estacionamento.

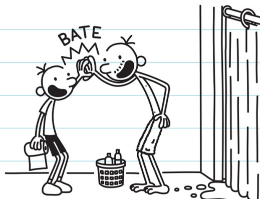
Quase toda a galera estava um CACO por ter dormido na mata, mas o MEU grupo estava DE BOA.

Meus colegas de chalé só falavam da nossa SORTE de ter sobrevivido uma semana com o Silas Unhagrande à solta. E eu só podia fazer boca de siri.

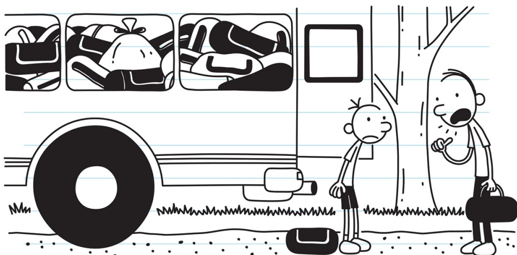


Pode acreditar, fiquei com vontade de contar pra todo mundo que o Silas Unhagrande era só uma lenda. As pessoas poderiam até me tratar como um HERÓI se eu pusesse um fim naquela coisa toda.

Daí pensei que, se algum dia eu virasse monitor naquele lugar, também ia querer aquele banheiro só pra MIM.



Quando eu já estava colocando minha mala no ônibus, o papai falou que eu podia voltar com ELE. Isso seria MUITO melhor do que sentar no colo de alguém, então, aceitei o convite.



No caminho, cruzamos com um ônibus trazendo uma nova leva de estudantes. Na mesma hora, escrevi uma mensagem pra avisar o que eles iam ter pela frente. Era o MÍNIMO que eu podia fazer.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família maravilhosa por me animar e trazer tanta alegria à minha vida.

Obrigado a Charlie Kochman por sua determinação implacável em garantir que os livros do Banana sejam tudo o que podem ser. Meus agradecimentos à equipe da Abrams, principalmente Michael Jacobs, Jason Wells, Veronica Wasserman, Susan Van Metre, Jen Graham, KeriLee Horan, Chad W. Beckerman, Alison Gervais, Elisa Garcia, Erica La Sala e Kim Ku.

Obrigado a Shaelyn Germain e Anna Cesary por ajudarem a construir um lugar incrível a partir do nada em meio a tantos compromissos. E também a Deb Sundin e a equipe da An Unlikely Story por trazerem uma grande livraria independente ao mundo.

Agradeço a Rich Carr e Andrea Lucey pelo apoio inestimável ao longo dos anos. E a Paul Sennott e Ike Williams pelos conselhos preciosos.

Obrigado a Jess Brallier por ser uma boa amiga e mentora ao longo dos últimos 15 anos. E também a todo mundo da Poptropica pelo apoio e a inspiração.

Agradeço a Sylvie Rabineau pelo aconselhamento e a amizade permanente. E a Keith Fleer por toda ajuda. Obrigado a todo o pessoal de Hollywood que está trabalhando para levar novas histórias do Banana às telas, principalmente Nina Jacobson, Brad Simpson, Elizabeth Gabler, Roland Poindexter, Ralph Milero e Vanessa Morrison.

SOBRE O AUTOR

Jeff Kinney começou a carreira desenvolvendo jogos *on-line*. Em 2007, lançou a série *Diário de um Banana*, que já liderou a lista de livros mais vendidos do *The New York Times*. Dois anos depois, a revista *Time* indicou Jeff como uma das 100 Pessoas Mais Influentes do Mundo. É o criador do elogiado site de jogos Poptropica. Passou a infância em Washington, D.C. e, em 1995, mudou-se para New England. Hoje, Jeff mora em Massachusetts com a esposa e os dois filhos, onde mantêm a livraria An Unlikely Story.

A vida era melhor antigamente. Pelo menos é o que dizem. Mas Greg Heffley, um garoto bastante acostumado ao conforto do mundo moderno, não concorda muito com isso. E uma decisão polêmica vai colocar o seu paraíso tecnológico em curto-circuito: todos em sua cidade decidem dar um tempo dos aparelhos eletrônicos. Dentro e fora de casa, Greg terá que enfrentar o dia a dia à moda antiga. Será que ele vai conseguir sobreviver do mesmo jeitinho que se fazia nos "bons e velhos tempos"?





A série *Diário de um Banana* já vendeu milhões de exemplares no mundo todo e também virou sucesso nos cinemas. Um dos maiores fenômenos da literatura infantojuvenil de todos os tempos.

V&R EDITORAS
/vreditorasbr /diariodeumbanana
@vreditoras wimpykid.com